

TU ÉS O MEU AMADO

A vida espiritual num mundo secular



HENRI J. M. NOUWEN

Editado por



TU ÉS O MEU AMADO

A VIDA ESPIRITUAL NUM MUNDO SECULAR

HENRI NOUWEN

Tradução do texto em *espanhol*

Imagen da capa:
caminhoscarmelitas.com

1.^a edição: novembro 1994

2.^a edição: julho 1995

3.^a edição: janeiro 1996

Título original: Life of the beloved. Spiritual living in a secular world, 1992

Tradução: Emilio Ortega

Design da capa: Estudio SM. Pablo Núñez

© The Crossroad Publishing Company

© PPC, Editorial y Distribuidora, S.A.

C/ Enrique Jardiel Poncela, 4

28016 - Madrid

ISBN: 84-288-1180-6

Depósito legal: M-1.119-1996

Fotocomposição: Grafilia, S.L.

Impresso em Espanha / *Printed in Spain*

Imprensa SM - Joaquín Turina, 39 - 28044 - Madrid

AGRADECIMENTOS

Este livro foi escrito e preparado para publicação com a ajuda de muitos amigos. Em primeiro lugar, quero agradecer a Connie Ellis a sua ajuda como secretária e por tudo o que me incentivou a continuar a escrever, apesar das minhas múltiplas ocupações. Dedico-lhe *Tu és o meu amado* em sinal de profunda gratidão pela sua fiel amizade e apoio incondicional. Também estou muito grato a Conrad Wieczorek pelas muitas formas como ofereceu a sua colaboração editorial a Connie e a mim na preparação final do manuscrito.

Quero expressar também o meu especial agradecimento a Patricia Bell, Diana Chambers, Gordon Cosby, Bart Gavigan, Steve Jenkinson, Sue Mosteller, Dolly Reysman, Susan Zimerman, e ao meu editor na Crossroad, Bob Heller, pelas suas palavras de ânimo e sugestões para levar a bom termo esta obra.

Finalmente, quero exprimir a minha gratidão a Peggy McDonnell, à sua família e amigos, pela amizade e pelo generoso apoio financeiro. E à comunidade franciscana de Friburgo, Alemanha, que me proporcionou um espaço seguro, impregnado de oração, para escrever.

PRÓLOGO

O início de uma amizade

Este livro é fruto de uma longa amizade, e creio que o lereis com maior proveito se começar por vos contar a história dessa amizade. Há mais de dez anos, quando era professor na Faculdade de Teologia de Yale, entrou no meu gabinete um homem para me fazer uma entrevista para a secção de Connecticut da edição dominical do *New York Times*. Apresentou-se dizendo que se chamava Fred Bratman. Quando nos sentámos e começámos a falar, notei imediatamente que se apoderava de mim uma mistura de irritação e fascínio.

Irritação, porque estava claro que aquele jornalista tinha pouco ou nenhum interesse no trabalho que eu estava a desenvolver. Alguém lhe sugerira que eu poderia ser de interesse para um artigo sobre uma personalidade. Ele seguira a sugestão, mas era evidente que não tinha entusiasmo em conhecer-me nem especial interesse em escrever sobre mim. Tratava-se, simplesmente, de um trabalho jornalístico. Fazê-lo ou não parecia ser, para ele, praticamente o mesmo. Mas, ao mesmo tempo, havia nele algo que me fascinava. Percebi que, por detrás daquela máscara de indiferença, existia um espírito cheio de vida, ávido por aprender e criar. Vi claramente que tinha diante de mim um homem extraordinariamente dotado, que procurava ansiosamente onde empregar esses dons.

Ao fim de meia hora de perguntas, de escasso interesse para ambos, parecia claro que a entrevista tinha chegado ao fim. Havia matéria suficiente para escrever um artigo que, no melhor dos casos, teria repercussões mínimas. Ambos tínhamos consciência disso e estávamos convencidos de que poderíamos ter aproveitado melhor o tempo a fazer outra coisa de maior utilidade.

Quando Fred se preparava para meter o caderno de notas na pasta, dizendo o «obrigado» de circunstância, olhei-o nos olhos e perguntei: «Diga-me, gosta do seu trabalho?» Para minha surpresa, respondeu sem pensar muito: «Não, na verdade não, mas é um trabalho.» Um tanto

ingenuamente, comentei: «Então, se não gosta, por que o faz?» «Obviamente, pelo dinheiro» — respondeu. E logo acrescentou, sem que eu lhe tivesse feito outra pergunta: «Embora o que gosto mesmo é de escrever. Fazer estas crónicas de personagens frustra-me, porque me limita na extensão e na forma de poder fazer justiça à pessoa entrevistada. Por exemplo, como posso dizer algo com alguma profundidade sobre si e sobre as suas ideias se só tenho 750 palavras para o fazer? É preciso ganhar a vida. E devo estar agradecido porque, ao menos, tenho este trabalho.» No tom da sua voz percebi claramente uma mistura de coragem e resignação.

De repente, impressionou-me a ideia de que Fred estivesse prestes a abandonar os seus sonhos. Olhava para mim como um prisioneiro encarcerado nos grilhões de uma sociedade que o obrigava a fazer um trabalho em que não acreditava. Enquanto o observava, senti uma profunda simpatia por ele —atrever-me-ia a dizer mais: um profundo amor por aquele homem. Sob uma aparência de sarcasmo e de cinismo, pressenti um coração belo, desejoso de dar, de criar, de viver uma vida frutuosa. A sua mente desperta, a franqueza com que enfrentava a sua vida interior e a simples confiança que depositara em mim fizeram-me sentir que o nosso encontro não tinha sido casual. O que se passara entre nós era bastante semelhante ao que ocorreu quando Jesus olhou fixamente o jovem rico e «sentiu um grande amor por ele» (*Mc 10, 21*).

Espontaneamente, nasceu em mim um forte desejo de o libertar da sua prisão e de o ajudar a descobrir como realizar os seus desejos mais profundos.

- O que deseja realmente? — perguntei.
- Escrever um romance... Mas nunca o conseguirei.
- É isso o que deseja de verdade? — insisti.

Olhou-me com surpresa no rosto e disse, sorrindo:

- Sim, é isso..., mas estou assustado, porque nunca escrevi um romance e talvez não tenha condições para ser romancista.
- Como o poderá saber? — perguntei.
- Provavelmente nunca o saberei. Precisa-se de tempo, de dinheiro e, sobretudo, de talento, e eu não tenho nada disso.

Nesse momento senti-me desconfortável com ele, com a sociedade e, até certo ponto, comigo próprio, por permitir que as coisas continuassem assim. Senti uma necessidade urgente de derrubar esses muros de medo, resignação, expectativas sociais e desvalorização pessoal, e disparei de repente:

- Porque não deixa o seu trabalho e escreve o romance?
- Não posso — respondeu.
- Se realmente o tentar, conseguirá — continuei, forçando-o. — Não pode deixar-se tornar vítima do tempo ou do dinheiro.

Nesse instante, percebi que estava envolvido numa batalha que estava decidido a vencer. Ele sentiu a intensidade dos meus sentimentos.

- Olhe, eu sou apenas um simples jornalista, e creio que devo contentar-me com isso.
- Não, não deve — disse-lhe —. Deve aspirar a satisfazer os seus desejos mais profundos e fazer aquilo que realmente quer fazer. Nem o tempo nem o dinheiro são o problema fundamental.
- E qual é? — perguntou-me.
- Você mesmo — respondi. — Não tem nada a perder. É jovem, cheio de energia, está bem preparado... Porque há de permitir que o mundo o sufoque com os seus esquemas? Porque se tornar numa vítima? Você é livre de fazer o que quiser, desde que o queira verdadeiramente.

Olhou-me com crescente surpresa, como que a perguntar a si próprio o que o tinha levado a entrar numa conversa tão estranha.

- Bem — disse —, tenho de ir... Talvez algum dia escreva o meu romance. Detive-o, não deixando que se fosse assim, tão facilmente.
- Espere, Fred. Sei bem o que lhe disse. Procure alcançar aquilo que mais deseja interiormente.
- Está bem — disse, com um tom de sarcasmo na voz.

Não quis deixá-lo partir. Dei-me conta de que estavam a ser postas à prova as minhas próprias convicções. Creio que as pessoas podem ser livres ao escolher e fazê-lo de acordo com os seus desejos. Em vez disso, passam a vida a culpar o mundo, a sociedade, os outros, pela sua má sorte, e desperdiçam grande parte da vida a lamentar-se. Mas estava convencido, depois da nossa breve conversa, de que o Fred era capaz de superar os seus

próprios medos e de assumir o risco de confiar em si mesmo. Mas também me apercebi de que era eu quem tinha de dar primeiro o passo, para que depois ele pudesse avançar pelo caminho que lhe indicava.

— Fred, deixe o trabalho — disse-lhe —. Venha para aqui um ano e escreva o seu romance. Arranjarei o dinheiro de alguma forma.

Anos depois, muitos anos depois, o Fred confessou-me um dia que, quando eu lhe disse isso, ficou nervoso e começou a interrogar-se sobre as minhas motivações. «O que é que este homem quer realmente de mim?», pensou. «Porque é que me oferece dinheiro e tempo para escrever? Isto não me inspira confiança. Tem de haver alguma coisa por detrás de tudo isto.» Mas, em vez de me dizer, colocou-me esta objeção:

— Sou judeu, e isto é um seminário cristão.

— Matriculá-lo-emos como convidado especial — respondi, eliminando a objeção. — Poderá fazer o que quiser. A nossa gente gostará de ter em casa um romancista. E, entretanto, terá a possibilidade de aprender algo, tanto sobre o cristianismo como sobre o judaísmo.

Poucos meses depois, o Fred veio para a Faculdade de Teologia de Yale e residiu ali durante um ano, tentando escrever o seu romance. Nunca chegou a escrevê-lo, mas tornámo-nos grandes amigos, e hoje, muitos anos depois, estou a escrever este livro como fruto dessa amizade.

Durante os dez ou mais anos que se seguiram à nossa convivência em Yale, tanto o Fred como eu vivemos vidas muito diferentes daquilo que pensávamos quando nos conhecemos. O Fred passou por um divórcio muito doloroso; voltou a casar-se; ele e a sua esposa, Robin, estão à espera do primeiro filho. Teve diferentes empregos, pouco satisfatórios ao início, até que encontrou uma posição que lhe ofereceu um vasto espaço para a sua criatividade. O meu próprio caminho também não era previsível então. Deixei o mundo do ensino, fui para a América Latina, regressei de novo ao ensino e, finalmente, estabeleci-me numa comunidade formada por pessoas com deficiência mental e pelos seus cuidadores. Houve grandes lutas, sofrimentos e alegrias na minha vida e na sua também, e pudemos partilhar todas essas experiências em visitas que nos fomos fazendo regularmente. À medida que o tempo foi passando, tornámo-nos mais amigos e convencemo-nos, cada vez mais, da importância da nossa amizade para

ambos, mesmo que os negócios, a distância e o estilo pessoal das nossas vidas fossem um obstáculo a que nos vissemos tanto quanto desejariam.

Desde o início da nossa amizade, estávamos plenamente conscientes das nossas diferenças radicais no que dizia respeito à educação religiosa. Ao princípio pareceu que isso poderia dificultar o nosso apoio espiritual mútuo. O Fred respeitava-me como sacerdote católico e mostrava um sincero interesse pela minha vida e pelo meu trabalho. Mas o cristianismo em geral, e a Igreja Católica em particular, eram apenas mais um dos seus muitos objetos de interesse. Interiormente, eu conseguia compreender facilmente o secularismo judaico do Fred, embora percebesse que ele tinha ganho muito ao aproximar-se mais da sua herança espiritual. Recordo bem uma ocasião em que lhe disse que lhe seria muito útil ler a Bíblia hebraica.

— Não me diz nada — protestou. — Trata de um mundo totalmente distante.

— Bem, lê ao menos o livro do Eclesiastes — disse-lhe eu —, aquele que começa com estas palavras: «Vaidade das vaidades... tudo é vaidade.»

— Li-o — disse-me o Fred no dia seguinte. — Nunca me tinha dado conta de que na Bíblia havia lugar para um céptico, alguém como eu. É muito animador.

Recordo-me de ter pensado em silêncio: «Há em ti algo mais do que um céptico.»

À medida que fomos envelhecendo e começámos a preocupar-nos menos com o êxito, a carreira, a fama, o dinheiro e o tempo, os problemas do sentido das coisas e da sua finalidade foram-se tornando mais centrais na nossa relação.

No meio das múltiplas mudanças das nossas vidas, ambos nos fomos ligando muito mais aos nossos desejos mais íntimos. Diferentes como eram as nossas circunstâncias pessoais, ambos passámos pelas dores da rejeição e da separação, e ambos constatámos, cada vez mais, o nosso desejo de intimidade e amizade. Para não nos deixarmos afogar na amargura e no ressentimento, tivemos de retirar forças dos nossos recursos espirituais mais profundos. As diferenças foram-se tornando cada vez menos importantes, e as semelhanças mais evidentes. À medida que a nossa amizade se tornava

mais profunda e sólida, o nosso desejo de uma base espiritual comum tornava-se mais explícito.

Um dia, passeando pela Avenida Columbus, na cidade de Nova Iorque, o Fred voltou-se para mim e disse:

«Porque não escreves algo sobre a vida espiritual para mim e para os meus amigos?»

O Fred estava muito familiarizado com a maior parte do que eu tinha escrito. Muitas vezes me dera orientações interessantes sobre a forma e o estilo, mas poucas vezes se sentira conectado com o conteúdo dos meus escritos. Como judeu, vivendo no mundo secular de Nova Iorque, não podia encontrar muito alívio nem ajuda em palavras tão explicitamente cristãs e tão claramente enraizadas numa longa vida dentro da Igreja.

«É um bom material» — dizia-me muitas vezes — «mas não é para mim.» Sentia fortemente que a sua própria experiência e a dos seus amigos precisavam de outro tom, outra linguagem, uma frequência diferente.

À medida que fui conhecendo os amigos do Fred, e contactando com os seus interesses e preocupações, comprehendi melhor as suas indicações sobre a necessidade de uma espiritualidade que fale aos homens e mulheres que vivem no seio da sociedade secular. Muitos dos meus pensamentos e escritos pressupunham uma familiaridade com conceitos e imagens que tinham alimentado a vida espiritual de cristãos e judeus alimentou-se, durante séculos, desses conceitos e imagens. Mas, para muitos, eles perderam o seu poder de orientação espiritual.

Ficou-me gravada a sugestão do Fred de que dissesse algo que o seu espírito e o dos seus amigos «pudesse ouvir». Pedia-me que respondesse à fome e à sede espiritual que existe em inúmeras pessoas que percorrem as ruas das nossas grandes cidades. Fazia-me um apelo para que dissesse uma palavra de esperança a pessoas que já não vão às igrejas nem às sinagogas, e para quem padres e rabinos deixaram de ser conselheiros habituais.

«Dizes coisas interessantes» — continuou o Fred — «mas dizes-lhas às pessoas que menos precisam de as ouvir. E nós? Jovens, ambiciosos, homens e mulheres do mundo de hoje, que nos perguntamos o que é a vida,

afinal de contas? Podes falar-nos com a mesma convicção com que falas aos que partilham a tua tradição, a tua linguagem e a tua visão das coisas?»

O Fred não era o único a colocar-me esta questão. O que ele tinha expressado tão claramente chegava-me também de muitos outros lados. Ouvia-o de pessoas da minha comunidade sem formação religiosa, para quem a Bíblia era um livro estranho e confuso. Ouvia-o de membros da minha própria família que tinham abandonado a Igreja há muito tempo e não queriam voltar a ela. Ouvia-o de advogados, médicos e empresários, cujas vidas profissionais lhes roubavam toda a energia, e para quem os sábados e domingos eram apenas um breve respiro antes de mergulharem de novo na arena à segunda-feira. E ouvia-o também de homens e mulheres que começavam a sentir as muitas solicitações de ajuda de uma sociedade que reclamava a sua atenção, mas que, ao mesmo tempo, temiam não encontrar uma resposta autêntica, de acordo com a sua vida real.

O pedido do Fred tornou-se mais do que uma sugestão entusiasmante de um jovem intelectual de Nova Iorque. Era um apelo que eu sentia surgir de todos os lados, sempre que estava preparado para o escutar. «Fala-nos dos nossos anseios mais profundos, dos nossos desejos, da nossa esperança; não nos fales apenas de meios de sobrevivência, mas da verdade; não nos fales de novos métodos para satisfazer necessidades emocionais, mas do amor. Dá-nos uma visão mais ampla do que a das nossas perspetivas em constante mudança. Queremos ouvir uma voz mais profunda do que o ruído dos *mass media*. Sim, fala-nos de algo ou de alguém maior do que nós. Fala-nos de... Deus.»

«Mas quem sou eu para falar sobre isso?» — respondi. «A minha própria vida é demasiado irrelevante para tal. Falta-me experiência, conhecimento ou linguagem para o que me pedes. Tu e os teus amigos viveis num mundo totalmente diferente do meu.»

Mas o Fred insistiu: «Podes fazê-lo. Tens de fazê-lo. Se não fores tu, quem será? Visita-me mais vezes; fala com os meus amigos; presta mais atenção ao que vês e ouves; e escutarás o lamento que brota das profundezas do coração humano que não foi ouvido porque ninguém lhe prestou atenção.»

As palavras do Fred fizeram-me recordar o seu apartamento na rua 75: um lugar acolhedor, rodeado por um mundo cheio de violência. Quando o Fred me levou lá pela primeira vez, há muitos anos, impressionou-me a nudez do átrio de entrada do edifício. «Foi tudo roubado» — disse-me. «Os candeeiros, o mármore das paredes, tudo o que tinha algum valor foi arrancado e roubado, muitas vezes em plena luz do dia.» Enquanto o elevador nos levava ao 11.^º andar, reparei no silêncio estranho entre pessoas que estavam quase encostadas umas às outras. Que próximos e, ao mesmo tempo, que distantes. O Fred precisava de duas chaves para abrir a porta do seu apartamento e tinha de fechar bem as janelas duplas, protegidas por grades de ferro, para impedir que o barulho da avenida Columbus invadisse todos os recantos do seu refúgio. Sim, uma casa agradável, mas, ao entrar, toda a história da violência e da opressão, do medo e da suspeita, da angústia e da agonia ficava ali patente.

Aí aprendi como era o quotidiano do Fred: sair cedo de casa e perder-se entre a multidão a caminho do trabalho; ler o jornal no metro e trabalhar na secção de informação financeira no seu pequeno gabinete; almoçar ao meio-dia com um colega num restaurante barulhento; e passar a tarde a enviar ou receber faxes, a atender ou a fazer inúmeras chamadas telefónicas, para depois voltar a perder-se na multidão em busca do seu refúgio acolhedor.

O que poderia eu realmente dizer a uma pessoa que vivia num lugar assim e com tal ritmo de vida? O que poderia dizer a um mundo frenético de táxis em movimento constante, de locais de diversão sem pausa, de escritórios em torres de vidro onde os negócios funcionam dia e noite? E, sobretudo, sendo eu incapaz, após tantos anos de estudo, oração e encontros, de dizer palavras de esperança precisamente a um mundo como esse?

«Mas como, como?» — disse eu ao Fred, enquanto dentro de mim travava uma dura luta entre a resistência em aceitar e a convicção da urgência da tarefa. A sua resposta foi: «Fala-nos a partir desse lugar do teu coração em que és mais tu mesmo. Fala diretamente, com simplicidade, com amor, com delicadeza, sem procurar falsos paliativos para as situações reais. Diz-nos o que vês e o que queres que vejamos; diz-nos o que ouves e

o que queres que ouçamos. Confia no teu coração. As palavras virão. Não tens nada a temer. Aqueles que mais precisarem de ti serão os que mais te ajudarão. Conta comigo.»

E agora, ao começar a escrever, sinto que só o posso fazer estando muito próximo do Fred e dos seus amigos. Dizem-me que seja aquilo que devo ser, mas, ao mesmo tempo, asseguram-me o seu amor.

Decidi ser muito direto na linguagem, como seria numa carta pessoal. Tendo o Fred e os seus amigos no centro da minha atenção, é como melhor consigo exprimir o que está no meu coração. Não posso tratar dos problemas candentes do nosso tempo e da nossa sociedade, mas posso falar a um amigo querido, a quem aprendi a conhecer e a amar como companheiro de viagem na busca da vida, da luz e da verdade. Espero que, sendo tão pessoal e direto, muitos queiram escutar e até juntar-se a nós nesta busca espiritual.

«TU ÉS O MEU AMADO»

Desde que me pediste que escrevesse algo para ti e para os teus amigos sobre a vida espiritual, tenho-me perguntado se poderia exprimir o que queria através de uma palavra-chave, uma palavra que recordásseis sempre, uma vez terminada a leitura. Ao longo do último ano, essa palavra única foi emergindo gradualmente das profundezas do meu coração. É a palavra «amado». E estou convencido de que essa clarificação é uma graça que me foi concedida em atenção a ti e aos teus amigos.

A primeira vez que comprehendi o significado da palavra «ser cristão» foi ao ler a passagem evangélica sobre o batismo de Jesus de Nazaré: «Logo que Jesus saiu da água, os céus abriram-se e o Espírito, em forma de pomba, desceu sobre Ele. E ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência.» Li estas palavras durante anos, comentei-as em sermões e em aulas. Mas só depois das nossas conversas em Nova Iorque adquiriram um significado que ultrapassa os limites da minha própria tradição. As nossas múltiplas conversas levaram-me à convicção interior de que as palavras «Tu és o meu amado» revelavam a verdade mais íntima do ser humano, sem distinção de pertença a uma tradição específica.

Fred, tudo o que quero dizer-te é que «és o amado», e tudo o que espero de ti é que possas ouvir estas palavras como ditas para ti, com toda a ternura e a força que o amor pode colocar nelas. O meu único desejo é que estas palavras — «Tu és o amado» — ressoem até ao último recanto do teu ser.

O maior presente que a minha amizade te pode oferecer é o dom da tua condição de ser amado. E só to posso oferecer na medida em que o queira também para mim. Não é, afinal, a amizade precisamente isto: oferecer mutuamente o dom de ser amado?

Há uma voz, a voz que fala do alto e também dentro de nós, que murmura ou proclama com força: «Tu és o meu amado, em ti ponho a minha complacência.» Não é fácil escutá-la num mundo cheio de vozes que

gritam: «Não és atraente. Pelo contrário, és repulsivo; não serves para nada; és desprezível, um nada, a menos que sejas capaz de provar o contrário.»

Estas vozes negativas são tão fortes e constantes que é fácil dar-lhes crédito. É a armadilha da autodesvalorização. Ao longo dos anos, constatei que a armadilha mais perigosa da nossa vida não é o êxito, a popularidade ou o poder, mas sim o autodesprezo. É verdade que o êxito, a popularidade e o poder podem tornar-se fonte de grandes tentações. Mas o seu caráter sedutor provém sobretudo de uma tentação mais profunda: a do autodesprezo.

Quando passamos a acreditar nas vozes que nos dizem que somos indignos de ser amados, então o êxito, a popularidade e o poder aparecem facilmente como soluções atrativas. A verdadeira armadilha é o autodesprezo. Surpreendo-me constantemente com a facilidade com que caio nessa tentação. Assim que alguém me acusa ou critica, assim que sou rejeitado, surpreendo-me a pensar: «Está à vista. Isto prova mais uma vez que não sou ninguém.» Em vez de enfrentar criticamente as circunstâncias ou de tentar compreender as minhas próprias limitações e as dos outros, tenho tendência a culpabilizar-me — não pelo que fiz, mas pelo que sou. O lado sombrio do meu ser diz-me: «Não valho nada. Mereço ser posto de lado, esquecido, rejeitado e abandonado.»

Talvez penses que estás mais tentado pela arrogância do que pelo autodesprezo. Mas não será, no fundo, o autodesprezo uma forma de arrogância? Não é sinal de arrogância colocar-se num pedestal para impedir que os outros nos vejam como realmente nos vemos a nós próprios? Não será, em última análise, uma forma de arrogância caminhar com os nossos sentimentos de nulidade às costas? Tanto a arrogância como o sentimento de nulidade nos colocam fora da realidade comum da existência, tornando muito difícil, se não impossível, formar uma comunidade de pessoas livres e amáveis. Tenho consciência de que, sob a minha arrogância, esconde uma dúvida radical acerca de mim próprio, da mesma forma que há muito orgulho por baixo do meu autodesprezo. Inflado ou desinflado, não chego a aprofundar o meu verdadeiro ser e acabo por distorcer a visão da realidade.

Espero que possas, de algum modo, identificar em ti mesmo esta tentação do autodesprezo, quer se manifeste sob a forma de arrogância, quer

sob a forma de autoinferiorização. Muitas vezes, o autodesprezo é considerado apenas uma manifestação neurótica de insegurança pessoal. Mas a neurose é frequentemente a expressão psíquica de uma realidade humana sombria e mais profunda: a de não se sentir verdadeiramente bem-vindo à existência como pessoa. O autodesprezo é o maior inimigo da vida espiritual porque está em contradição com a voz sagrada que nos chama «o amado». Ser amado exprime a verdade mais profunda da nossa existência.

Falo de tudo isto de uma forma tão direta e simples porque, embora a minha experiência de ser amado nunca tenha estado totalmente ausente da minha vida, também nunca chegou a tornar-se em mim a verdade fundamental. Ando em volta dela, em círculos de maior ou menor raio, sempre à procura de algo ou de alguém que me convença da minha condição de amado. É como se tentasse não ouvir a voz que me fala do mais profundo do meu ser, dizendo-me: «Tu és o meu amado, em ti ponho a minha complacência». Essa voz esteve sempre presente, mas parecia-me muito mais urgente ouvir outras vozes mais fortes que diziam: «Demonstra que vales a pena; faz algo importante, espetacular, poderoso, e só então conquistarás o amor que desejas». Entretanto, a voz suave e amorosa, que fala no silêncio e na solidão do meu coração, não era ouvida, ou, pelo menos, não tinha força de convicção.

Essa voz suave, que me chama «meu amado», chegou até mim de infinitas formas. Os meus pais, amigos, professores, estudantes e pessoas desconhecidas que se cruzaram no meu caminho, todos estavam em sintonia com essa voz, embora em tons diferentes. Muitas pessoas cuidaram de mim com ternura e amor. Fui ensinado e educado com muita paciência e perseverança. Incentivaram-me a seguir em frente quando estava prestes a desistir e insistiram com carinho para que voltasse a tentar quando falhei. Fui premiado e elogiado pelo meu sucesso... Mas, de algum modo, todos esses sinais de amor não foram suficientes para me convencer de que era amado. Sob uma autoconfiança aparentemente forte, escondia-se sempre uma pergunta: se todos aqueles que tanto se preocupam comigo me pudessem ver no meu ser mais íntimo, continuariam a amar-me? Esta pergunta angustiante, enraizada no lado sombrio do meu ser, continuava a perseguir-me e a afastar-me do verdadeiro lugar onde pode ser ouvida essa voz quase sussurrante que me chama «meu amado».

Tenho a certeza de que entendes bem o que te estou a dizer. Não estás também à espera, como eu, de que alguma pessoa, alguma coisa, algum acontecimento te faça sentir esse dom que está no fim do caminho, a paz interior que desejas? «Quem me dera que este livro, esta ideia, este curso, esta viagem, este trabalho, este país ou esta amizade satisfaçam o meu desejo mais profundo.» Mas, enquanto esperas esse momento misterioso, vais de um lado para o outro, descontrolado, em perpétua ansiedade, sem encontrar descanso, cheio de desejos inconfessados, irritado, nunca plenamente satisfeito. Sabes bem que esse estado compulsivo favorece a nossa atividade, mas, ao mesmo tempo, mantém-nos sempre na dúvida sobre se o longo caminho que fazemos nos leva a algum lugar. É o caminho que conduz ao esgotamento espiritual, a sentirmo-nos interiormente despedaçados. É o caminho para a morte espiritual.

Tu e eu não temos de nos destruir a nós próprios. Somos amados. Fomos amados intimamente muito antes de pais, professores, cônjuges, filhos e amigos nos terem amado ou ferido. Esta é a verdade autêntica das nossas vidas. É a verdade que quero que procures para ti. É a verdade proclamada pela voz que diz: «Tu és o meu amado».

Escutando essa voz com a maior atenção interior, ouço, no mais íntimo de mim mesmo, palavras que me dizem: «Desde o princípio chamei-te pelo teu nome. És meu e eu sou teu. Tu és o meu amado e em ti ponho a minha complacência. Formei-te nas entradas da terra e tecí-te no ventre de tua mãe. Levei-te nas palmas das minhas mãos e amparei-te à sombra do meu abraço. Olhei para ti com infinita ternura e cuidei de ti mais intimamente do que uma mãe cuida do seu filho. Conte i todos os cabelos da tua cabeça e guiei todos os teus passos. Para onde fores, eu estou contigo, e velo sempre pelo teu descanso. Dar-te-ei um alimento que saciará totalmente a tua fome e uma bebida que apagará a tua sede. Nunca te esconderei o meu rosto. Conheces-me como teu, e eu conheço-te como meu. Pertences-me. Eu sou o teu pai, a tua mãe, o teu irmão, a tua irmã, o teu amante e o teu esposo. Até o teu filho. Serei tudo o que fores tu. Nada nos separará. Somos um».

Sempre que ouvires com grande atenção a voz que te chama «o amado», descobrirás dentro de ti o desejo de a escutar intensamente e para sempre. É

como encontrar um poço no deserto. Logo que descobres humidade na terra, continuas a cavar mais fundo.

Ultimamente tenho cavado muito e sei que começo a ver água brotar da areia seca. Tenho de continuar a cavar, porque esse riacho vem de um enorme aquífero escondido sob a superfície do deserto da minha vida. Talvez a palavra «cavar» não seja a mais adequada. Sugere um trabalho duro e penoso que me levaria ao lugar onde poderia saciar a minha sede. Talvez tudo o que precisemos de fazer seja, simplesmente, remover a areia que cobre a boca do poço. Pode haver muita areia seca nas nossas vidas, mas Aquele que quer apagar a nossa sede ajudar-nos-á a afastar essa areia. Tudo o que precisamos é de um grande desejo de encontrar a água e bebê-la.

Tu viveste alguns anos menos do que eu. Talvez queiras dedicar mais tempo a observar o que te rodeia e a ampliar o teu campo de visão, para te convenceses de que a vida espiritual merece toda a tua energia. Mas sinto uma certa impaciência em relação a ti, porque não quero que percas demasiado tempo. Restam-me menos anos do que aqueles que já vivi. Espero que contigo seja o contrário. Por isso, quero assegurar-te já, agora, que não deves deixar-te arrastar por buscas que, em última análise, só te levarão à confusão. Não deves tornar-te vítima de um mundo manipulador, nem deixar-te prender por qualquer tipo de dependência. Podes escolher já, agora, a verdadeira liberdade interior e encontrá-la cada vez em maior plenitude.

Se estás interessado em começar o caminho de te sentires amado, tenho muito mais para te dizer. Porque a viagem da vida espiritual exige, não apenas decisão, mas também algum conhecimento do terreno a atravessar. Não quero que vagueies no deserto durante quarenta anos, como fizeram os nossos antepassados na fé. Nem quero que permaneças nele tanto tempo como eu. És um amigo a quem quero de forma especial. Embora seja verdade que cada pessoa deve aprender por si mesma, acredito firmemente que podemos prevenir aqueles que amamos para que não cometam os mesmos erros que nós. Precisamos de guias para a nossa vida espiritual. Nas páginas que seguem, escritas para ti, quero ser o teu guia. Espero que continues interessado em caminhar.

COMO TORNAR-SE O AMADO

Convencermos-nos desta verdade

Querido amigo, ser o amado é a origem e a plenitude da vida do Espírito. Digo isto porque, logo que vemos um pequeno vislumbre desta verdade, pomos-nos a caminho em busca da plenitude dessa mesma verdade, e não paramos até a encontrar e repousar nela. A partir do momento em que tentamos descobrir a verdade de ser o amado, enfrentamo-nos com o apelo a tornar-nos aquilo que realmente somos. Tornar-nos amados é a grande viagem espiritual que temos de realizar. As palavras de Santo Agostinho: «Meu Deus, o meu coração está inquieto enquanto não repousar em Ti», exprimem perfeitamente o significado desta viagem. Sei que o facto de procurar constantemente a Deus, de lutar sem cessar para descobrir a plenitude do amor, de ansiar sempre pela posse da verdade completa, é já sinal de que me foi permitido provar, de algum modo, algo de Deus, do amor e da verdade. Só tenho de continuar à procura de algo que, até certo ponto, já encontrei. Como poderia eu procurar a beleza e a verdade sem ter algum conhecimento delas no mais fundo do meu coração? Parece que todos os seres humanos guardam bem dentro de si a memória do paraíso perdido. Talvez a palavra inocência seja mais adequada do que a palavra paraíso. Éramos inocentes até começarmos a sentir-nos culpados; estávamos na plena luz, antes de entrar no mundo das trevas; estávamos em casa, antes de começar a buscá-la. Nos recantos mais profundos da nossa mente e do nosso coração está escondido o tesouro que procuramos. Conhecemos algo da sua maravilha e sabemos que não passa de uma simples premonição do dom que desejamos acima de tudo: uma vida mais forte do que a morte.

É verdade que somos os amados, mas temos de nos tornar interiormente amados. É verdade que somos filhos de Deus, mas temos de o ser interiormente. É verdade que somos irmãos e irmãs, mas temos de o ser interiormente. Se tudo isto é verdade, que apoio podemos encontrar para nos ajudar neste processo? Se a vida espiritual não é simplesmente o caminho de ser, mas o caminho de vir a ser, qual é a natureza desse tornar-se?

Dado o teu pragmatismo, perguntar-me-ás como avançar da primeira para a segunda inocência, da primeira para a segunda infância, de ser amado a ter consciência de o ser. É uma questão tão importante que nos leva a deixar de lado todo o romantismo ou idealismo e a descer até à pura concretização das nossas vidas diárias. Tornar-se o amado significa concretizar que a nossa condição de amados se realiza em tudo o que pensamos, dizemos ou fazemos. Isto inicia um longo e exigente processo de apropriação, ou, melhor dito, de encarnação. Se ser amado for apenas um belo pensamento ou uma ideia que paira sobre a minha vida para me ajudar a não cair na depressão, não acontece nenhuma mudança radical. O que é necessário é chegar a sentir-se amado nas situações comuns da minha vida quotidiana e, pouco a pouco, preencher o vazio entre aquilo que sei que devo ser e as incontáveis e concretas realidades da minha vida. Tornar-se o amado é fazer descer a verdade que me foi revelada até à realidade ordinária do que sou de facto, ao que penso, digo e faço, hora após hora.

Quando penso na tua vida, na da Robin, na dos vossos amigos, tomo consciência das pressões que sofreis. Tu e a Robin viveis num pequeno apartamento no centro de Nova Iorque; tendes de trabalhar para pagar a renda e a alimentação; tendes de fazer mil coisas: telefonar, escrever cartas, comprar, cozinhar, manter contacto com a família e os amigos, e estar bem informados do que acontece na vossa cidade, no vosso país, no mundo. Tudo isto parece um peso esmagador, impossível para uma só pessoa, e, normalmente, são estas coisas simples da vida diária que alimentam as nossas conversas. A pergunta: «Que fazes?» leva, normalmente, a histórias muito terra-a-terra sobre o matrimónio, a família, a saúde, o trabalho, o dinheiro, os amigos e os planos para um futuro próximo. Muito raramente nos leva a perguntar sobre a origem e a meta da nossa existência. Mas estou absolutamente convencido de que essa meta e essa origem têm tudo a ver com a forma como pensamos, falamos e agimos na nossa vida quotidiana. Quando a nossa verdade mais profunda é que somos os amados, e quando a nossa maior alegria e paz provêm do desejo de tornar plenamente nossa essa verdade, é claro que isso se refletirá de forma palpável na nossa maneira de comer, beber, falar, amar, divertir-nos e trabalhar. Quando as correntes mais profundas da nossa vida não exercem influência nenhuma sobre as ondas da superfície, a nossa vitalidade enfraquece e acaba por definhar e naufragar no tédio, mesmo quando estamos ocupados.

Por isso, propus-me agora falar-te desse processo de chegar a ser o amado e de como pode ser concretizado, com precisão, na nossa vida quotidiana. O que vou tentar descrever são as moções do Espírito, como se produzem em nós e ao nosso redor. Como bem sabes, vivemos numa época dominada pelo cientificismo do mundo da psicologia. Sabemos muito sobre emoções, paixões e sentimentos. Tornámo-nos conscientes das muitas conexões que existem entre as nossas primeiras experiências e os nossos comportamentos atuais. Sofisticámo-nos bastante no modo de abordar o nosso desenvolvimento psicosexual e podemos identificar com relativa facilidade os momentos em que nos sentimos vítimas e os de verdadeira liberdade. Sabemos o que significa fechar-nos à defensiva, projetar as nossas próprias necessidades e medos nos outros, ou deixar que as nossas dúvidas interfiram no caminho da nossa criatividade. Pergunto-me se, no nosso caminho espiritual, se dá a mesma clareza que no nosso caminho psicológico. Poderemos estar tão conscientes do misterioso processo de chegar a ser os amados como o estamos ao conhecer a dinâmica da nossa psique?

Podes perguntar-te se a psicodinâmica é realmente assim tão diferente da das moções do Espírito. Penso que sim, embora se cruzem e interfiram de muitas maneiras. Quero descrever como as moções do Espírito do amor se manifestam na nossa vida diária e como podemos seguir alguns métodos para identificar essas moções e responder-lhes. Para identificar as moções do Espírito nas nossas vidas, servi-me de quatro palavras que me pareceram muito úteis: tomado, abençoado, partido e dado.

Estas palavras resumem a minha vida como sacerdote, porque, cada vez que me sento à mesa com os membros da minha comunidade, tomo o pão, abençoo-o, parto-o e dou-o. Estas palavras resumem também a minha vida como cristão, porque, como tal, estou chamado a tornar-me pão para o mundo: um pão que é tomado, abençoado, partido e dado. Mas há ainda algo mais importante: resumem a minha vida como pessoa, porque, em todos os momentos da minha vida, onde quer que esteja, de alguma forma se repete em mim este ser tomado, abençoado, partido e dado.

Devo dizer que estas quatro palavras se tornaram as mais importantes da minha vida. Apenas gradualmente o seu significado me foi sendo revelado,

e creio que jamais chegarei a conhecê-las em toda a sua profundidade. São as palavras mais pessoais e, ao mesmo tempo, as mais universais. Exprimem a verdade mais espiritual e a mais secular. Falam-nos da conduta mais divina e mais humana. Abrangem o mais sublime e o mais baixo, Deus e as pessoas. Exprimem, de forma sucinta, a complexidade da vida e contêm o seu mistério insondável. São a chave para compreender não apenas a vida dos grandes profetas de Israel e a vida de Jesus de Nazaré, mas também as nossas próprias vidas. Escolhi-as não só porque estão profundamente gravadas no meu ser, mas também porque, através delas, cheguei a conectar com os caminhos que podem levar-me a tornar-me o amado de Deus.

I

ESCOLHIDOS

Para chegarmos a ser os amados devemos, primeiro, afirmar e ter a certeza de que fomos escolhidos. Isto, à partida, pode soar muito estranho. Mas ser escolhido é essencial para nos tornarmos no amado. Como já disse anteriormente, só podemos desejar ser os amados quando sabemos que o somos. Por isso, o primeiro passo na vida espiritual é reconhecer, com todo o nosso ser, que já fomos escolhidos.

Talvez a palavra «eleito» seja melhor do que «tomado» para expressar o que queremos dizer. Esta pode parecer-nos fria, um pouco insípida. Pelo contrário, a palavra eleito tem mais calor, é mais suave, e o seu significado é o mesmo. Como filhos de Deus, somos os Seus eleitos.

Espero que a palavra eleitos te diga alguma coisa. Para ti tem de ter conotações especiais. Como judeu, conheces bem as consequências positivas e negativas de ser considerado membro do povo eleito de Deus. Muitas vezes me falaste da rica herança da tua família, da fé profunda dos teus avós e das muitas tradições que uniam os teus pais à história sagrada do teu povo. Mas também me falaste dos cruéis pogroms no teu país de origem e da longa e penosa viagem que trouxe os teus pais para a América. Embora não tenhas sofrido diretamente a perseguição, estás perfeitamente consciente de até que ponto ela faz parte da tua história e de como está terrivelmente próxima da superfície da tua vida. Mostraste-me que esse antisemitismo reaparece constantemente ao nosso redor, de mil formas. Acontecimentos recentes, tanto na Europa como nos Estados Unidos, não fazem senão confirmar a tua convicção de que culpar os judeus não é algo apenas do passado. Não me surpreenderia que uma parte de ti protestasse contra a ideia de ser eleito. Eu próprio o verifico na minha vida. Como sacerdote, fui tratado, muitas vezes, como alguém de condição diferente, escolhido para ser distinto. Muitas vezes tentei mostrar que sou apenas eu, apenas isso, uma forma de explicar as letras J.M. do meu nome. E que não queria ser colocado num pedestal nem ser tratado como alguém especial.

Senti, como claramente te acontece a ti, que, quando se é tratado como eleito, se está exposto a ser tão perseguido como admirado.

Mas continuo a acreditar profundamente que, para vivermos a nossa vida espiritual, devemos afirmar a nossa condição de escolhidos ou eleitos.

Vou explicar este ponto com mais detalhe. Quando sei que fui eleito, tenho consciência de que fui visto como uma pessoa especial. Alguém se fixou em mim como ser único e expressou o desejo de me conhecer e de me amar. Quando te escrevo que, como amados, somos os eleitos de Deus, quero dizer que fomos vistos por Deus desde toda a eternidade, vistos como únicos, especiais, seres de valor inestimável. É-me muito difícil exprimir a profundidade do significado que a palavra «eleito» tem para mim, mas espero que me escutes a partir do teu interior. Desde toda a eternidade, antes de nasceres e de fazeres parte da história, já existias no coração de Deus. Muito antes de os teus pais te admirarem, dos teus amigos reconhecerem os teus dons, dos teus professores ou colegas de trabalho e superiores te encorajarem, já eras um eleito. Os olhos do amor tinham-te visto como alguém de grande valor, de beleza infinita, de valor eterno. Quando o amor escolhe, fá-lo com perfeito conhecimento da bondade única do eleito, e fá-lo de tal modo que ninguém se sinta excluído.

Defrontamo-nos aqui com um grande mistério de ordem espiritual: ser o eleito não significa que os outros sejam rejeitados. É muito difícil pensar assim num mundo tão competitivo como o nosso. Todas as minhas recordações de ser eleito estão ligadas a memórias de outras pessoas que não o foram. Quando não fui escolhido para a equipa de futebol, ou para ser o chefe da patrulha de escuteiros, ou quando fui eleito delegado de turma, ou distinguido com prémios especiais, os sorrisos vieram sempre acompanhados de lágrimas. Sempre se vivia um estado de competição e comparação. Quantas vezes precisei de ouvir palavras como estas: «O facto de não teres sido escolhido não significa que não sejas bom, mas que alguém foi um pouco melhor.» Mas, muitas vezes, estas palavras eram de muito pouco consolo, porque não faziam desaparecer o sentimento de rejeição. E quando era eu o escolhido como o melhor, dava-me conta de como os outros se sentiam decepcionados por não estarem no meu lugar. Então, era eu quem precisava de ouvir: «O facto de teres sido escolhido não

significa que os outros não sejam bons, mas que tu foste um pouco melhor.» Mas, de novo, estas palavras não eram de grande ajuda, porque me sentia incapaz de fazer com que os outros se sentissem tão felizes como eu. Neste mundo, ser eleito significa simplesmente ser colocado à parte, em contraste com os outros. Sabes bem como, na nossa sociedade competitiva, os eleitos são vistos com uma atenção especial. Publicam-se revistas inteiras dedicadas aos heróis do desporto, do cinema, da música, do teatro e de todas as outras formas de destaque. São os eleitos, e os seus admiradores tentam obter algum tipo de prazer substitutivo conhecendo-os melhor ou sentindo-se próximos deles.

Ser eleito como amado de Deus é algo radicalmente diferente. Em vez de excluir os outros, inclui-os. Em vez de rejeitar os outros como menos valiosos, acolhe-os na sua realidade única. Não se trata de uma eleição competitiva, mas de uma eleição partilhada. É-nos difícil captar esta realidade. Talvez nunca consigamos compreendê-la totalmente. Sempre que ouvimos falar de pessoas, talentos ou amigos escolhidos, quase automaticamente começamos a pensar em elites e a sentir em nós mesmos um certo ciúme, deceção ou ressentimento. E não raras vezes, ver os outros como escolhidos conduz à agressão, à violência e até à guerra.

Mas não renuncies ao teu direito à palavra «eleito» por causa do mundo. Atreve-te a reclamá-la como tua, mesmo que seja constantemente mal compreendida. Deves permanecer firme na verdade de que és um dos eleitos. Esta verdade é o chão de rocha sobre o qual podes edificar uma vida de amado. Quando perdes de vista a tua condição de eleito, expões-te à tentação do autodesprezo, e essa tentação ameaça a possibilidade de progredires constantemente na tua condição de ser amado.

Quando olho para dentro de mim e ao meu redor, sinto-me esmagado por vozes sombrias que me dizem: «Não és nada de especial; és apenas mais uma pessoa entre milhões; a tua vida é apenas mais uma boca para alimentar; as tuas necessidades, apenas mais um problema a resolver.» Estas vozes tornam-se cada vez mais poderosas, sobretudo num tempo histórico marcado por tantas relações quebradas. Muitas crianças não se sentem bem-vindas ao mundo. Sob os seus sorrisos nervosos, esconde-se frequentemente a pergunta: «Serei realmente querido?» Alguns jovens

ouviram as suas mães dizer-lhes: «Não te esperava, mas quando percebi que estava grávida, decidi ter-te... Foste uma espécie de acidente.» Tais palavras e atitudes não ajudam em nada a sentir-se eleito. O nosso mundo está cheio de pessoas que se perguntam se não teria sido melhor nunca terem nascido. Quando não nos sentimos amados por aqueles que nos deram a vida, muitas vezes sofremos, ao longo de toda ela, alguma forma de automenosprezo, que pode facilmente conduzir à depressão e até ao suicídio.

Ainda assim, e precisamente por causa desta dolorosa realidade, temos de ousar afirmar a verdade de que somos os eleitos de Deus, mesmo que o mundo não nos tenha escolhido. Enquanto deixarmos que os nossos pais, irmãos, professores, amigos e pessoas que nos querem determinem se fomos eleitos ou não, ficamos presos nas redes de um mundo que nos sufoca, que nos aceita ou rejeita de acordo com os seus critérios de eficácia e poder. Muitas vezes, esta afirmação representa uma árdua tarefa, um trabalho que dura a vida inteira. Porque o mundo insiste em empurrar-nos para as trevas da dúvida, do automenosprezo, da autorrejeição e da depressão. E isso acontece porque somos pessoas inseguras, cheias de medo, que nos desvalorizamos e que, por isso, podemos ser facilmente manipulados pelos poderes que nos rodeiam. A grande batalha espiritual começa — e nunca termina — ao afirmarmos a nossa condição de eleitos. Muito antes de qualquer ser humano nos ouvir chorar ou rir, fomos ouvidos por Deus, que é todo ouvidos para nós. Muito antes de alguém nos ter falado neste mundo, foi-nos dirigida a voz do amor eterno. A nossa condição de seres valiosíssimos, únicos na nossa individualidade, não nos foi dada por aqueles que encontrámos no relógio do tempo — o da nossa breve existência cronológica —, mas pelo Único que nos escolheu com o seu amor eterno, um amor que existe desde sempre e durará para sempre.

Como tomar consciência da nossa condição de eleitos quando estamos rodeados de rejeições? Já disse que este facto implica uma dura luta espiritual. Haverá algo que nos possa ajudar nesta luta? Vou apresentar alguns meios.

Em primeiro lugar, tens de desmascarar o mundo que te rodeia, mostrá-lo claramente a sua condição de manipulador, dominador, sedento de poder e, em última análise, destruidor. O mundo diz-te muitas mentiras sobre

quem és. Sei realista e nunca percas isto de vista. Sempre que te sintas ferido, ofendido ou rejeitado, deves ter a coragem de dizer a ti mesmo: «Estes sentimentos, por mais fortes que sejam, não dizem a verdade sobre mim. A verdade, ainda que neste momento não a senta, é que sou um filho eleito de Deus, precioso aos seus olhos, chamado amado desde toda a eternidade e seguro no seu abraço eterno.»

Em segundo lugar, deves procurar pessoas e lugares onde a tua verdade seja dita e onde te recordem a tua identidade mais profunda como eleito de Deus. Sim, devemos optar conscientemente pela nossa condição de eleitos e não permitir que as nossas emoções, sentimentos ou paixões nos seduzam e nos conduzam ao automenosprezo. As sinagogas, as igrejas, muitas comunidades de fé, os diferentes grupos de apoio que nos ajudam nos momentos de fraqueza — como a família, os amigos, os professores, os estudantes — todos eles podem tornar-se pessoas que nos recordam a nossa verdade. O amor limitado, às vezes ferido, daqueles que partilham a nossa condição humana é capaz, muitas vezes, de nos orientar para a verdade do que somos: preciosos aos olhos de Deus. Esta verdade não brota simplesmente do centro do nosso ser. Foi também revelada pelo Único que nos escolheu. Por isso, devemos estar atentos e à escuta de muitos homens e mulheres ao longo da história. Através das suas palavras e das suas vidas, convidam-nos a regressar ao coração dessa verdade.

Em terceiro lugar, devemos celebrar constantemente a nossa condição de eleitos. Isso significa dar graças a Deus incansavelmente por nos ter escolhido, e dar graças por nos recordar a sua eleição. A gratidão é o caminho mais fecundo para aprofundar a convicção de que não fomos um acidente, mas uma escolha divina. É importante apercebermo-nos de quantas vezes tivemos razões para ser agradecidos e não aproveitámos a oportunidade. Quando alguém é amável connosco, quando algo nos corre bem, quando um problema se resolve, quando uma amizade é restaurada, quando uma ferida é curada, existem razões muito concretas para dar graças — seja com palavras, com flores, com uma carta, com um telefonema, com um gesto de carinho. Mas essas mesmas situações oferecem-nos também ocasiões para sermos críticos, cépticos, até cínicos. Porque, quando alguém é bom para connosco, podemos pôr em causa as suas motivações; quando algo corre a nosso favor, poderia sempre ter sido melhor; quando se resolve

um problema, surge muitas vezes outro no seu lugar; quando se restaura uma amizade, fica sempre no ar a pergunta: «Por quanto tempo?»; quando se cura uma ferida, fica sempre algum rastro de dor... Onde há motivos para ser agradecido, há também sempre motivos para a amargura. Aqui, enfrentamo-nos com a liberdade de tomar uma decisão. Podemos escolher ser agradecidos ou amargurados, reconhecer a nossa condição de eleitos, ou fixar o olhar no nosso lado sombrio. Vejo isto todos os dias na nossa comunidade. O grupo fundamental, homens e mulheres com deficiência intelectual, têm muitos motivos para se sentirem amargurados. Muitos deles experimentam uma profunda solidão, a rejeição por parte de membros da família ou de amigos, o desejo insatisfeito de ter um companheiro de vida, e a constante frustração de precisar sempre da ajuda dos outros. Mas a maioria deles escolhe não se sentir amargurada, mas agradecida pelos muitos pequenos dons das suas vidas — um convite para jantar, o prazer de passar alguns dias em casa de alguém, a celebração do aniversário e, sobretudo, a vida diária em comunidade com pessoas que lhes oferecem amizade e apoio. Escolhem a gratidão em vez da amargura e tornam-se uma grande fonte de esperança e inspiração para todos os que os acompanham. Estes, embora não sofram de deficiência intelectual, têm também de fazer a mesma escolha. Quando escolhemos o caminho da luz, tornamo-nos cada dia mais radiantes. O que mais me fascina é que, sempre que decidimos ser agradecidos, se torna mais fácil ver novos motivos para isso. A gratidão chama a gratidão, tal como o amor chama o amor.

Espero que estas três orientações para te ajudar a tomar consciência da tua condição de eleito possam ser-te úteis na tua vida quotidiana. Para mim, são as práticas espirituais da minha vida de eleito. Não é fácil vivê-las, sobretudo em tempos de crise. Antes de conhecer tudo isto de que te falo, era queixoso, sofria momentos de melancolia, fruto da rejeição, e surpreendia-me a mim mesmo a imaginar vinganças. Mas desde que tornei estas práticas algo muito próximo do meu coração, consigo apoiar-me nas minhas trevas para chegar à luz da minha verdade.

Antes de concluir estas reflexões sobre o facto de sermos eleitos, quero gravar na tua alma a importância que esta verdade tem nas nossas relações com os outros. Quando afirmamos constantemente a verdade de sermos escolhidos, descobrimos cedo dentro de nós um vivo desejo de revelar aos

outros a sua própria condição de eleitos. Em vez de nos sentirmos melhores, mais preciosos ou mais valiosos do que os outros, a nossa consciência de sermos eleitos abre os olhos à realidade da eleição partilhada. Este é o grande gozo de ser eleito: descobrir que os outros também o foram. Na casa de Deus há muitas moradas. Há lugar para todos, um lugar único, especial. Uma vez que aprofundamos a nossa condição de seres preciosos aos olhos de Deus, somos capazes de reconhecer essa mesma qualidade nos outros e o seu lugar único no coração de Deus.

Isto faz-me pensar na Helen, uma das pessoas com deficiência da nossa comunidade. Quando chegou a Daybreak há alguns anos, senti-me muito distante dela, até um pouco assustado. Vivia no seu pequeno mundo, emitindo apenas alguns sons estranhos, sem nunca contactar com ninguém. Mas, à medida que fomos conhecendo melhor a Helen e confiámos que ela também tinha um dom único a oferecer, foi gradualmente saindo do seu isolamento, começou a sorrir-nos e tornou-se uma grande fonte de alegria para toda a comunidade.

Agora percebo que tive de me tornar consciente do meu próprio bem para descobrir o bem único da Helen. Enquanto me deixei guiar pelas minhas dúvidas e medos, senti-me incapaz de criar o espaço sem o qual a Helen nunca poderia revelar-me a sua beleza. Mas, uma vez consciente da minha própria condição de eleito, pude estar com a Helen como alguém que tinha muito, muito a oferecer-me. O amor de Deus inclui todos, cada um na sua realidade única. Só quando reclamamos o nosso lugar no amor de Deus é que podemos experimentar este abraço universal: um amor sem distinções, que nos faz sentir seguros, não só com Deus, mas também com os nossos irmãos e irmãs.

Tu e eu sabemos bem como tudo isto está próximo da vida. A nossa amizade dura há muitos anos. No início havia um certo sentido de comparação, de inveja, de competição. Mas, à medida que fomos amadurecendo em anos e nos tornámos mais seguros da nossa condição de seres únicos, a maior parte, senão todo esse mundo de rivalidades, desvaneceu-se, e somos hoje mais capazes de afirmar e recordar os dons de cada um. Sinto-me tão à vontade contigo porque sei que me aprecias pelo que sou e não pelo que possa fazer por ti. E tu sentes-te à vontade quando te

visito porque sabes que admiro a tua bondade, a tua generosidade e os teus muitos dons — não porque me sejam úteis, mas simplesmente por ti. Uma amizade profunda é um chamamento à realidade individual de sermos eleitos, e à mútua afirmação de que somos preciosos aos olhos de Deus. A tua vida e a minha são, cada uma delas, totalmente únicas. Ninguém viveu a tua vida ou a minha antes, e ninguém as viverá depois. As nossas vidas são peças únicas no mosaico da existência humana, inestimáveis e insubstituíveis.

Sentirmo-nos escolhidos é a base para nos sentirmos amados. Afirmar esta condição de eleitos significará uma luta que durará toda a vida. Mas será também uma fonte de alegria ao longo de toda ela. Quanto mais a afirmarmos, mais facilmente descobriremos outro aspeto de ser amado: o de ser abençoado. É disso que te vou falar agora.

II

ABENÇOADOS

Como filhos amados de Deus, fomos abençoados. A palavra «bênção» tornou-se algo muito importante para mim nos últimos anos. E tu és um dos amigos que contribuíram para isso. Lembras-te de como, numa manhã de sábado, em Nova Iorque, me levaste à sinagoga? Quando chegámos, deparámo-nos com a agradável surpresa de que se ia celebrar um *mitzva*. Um adolescente de treze anos foi declarado adulto pela congregação. Pela primeira vez, dirigiu o serviço religioso. Leu um trecho do livro do Génesis e disse algumas breves palavras, em forma de comentário, sobre a importância de cuidar do meio ambiente. Foi admitido à sua nova condição, dentro da congregação judaica, pelo rabino e pelos amigos, e abençoado pelos pais. Pela primeira vez assisti a um *mitzva*, e senti-me profundamente comovido, sobretudo pela bênção dos pais. Ainda ouço o seu pai dizer: «Filho, aconteça o que acontecer na tua vida, tenhas êxito ou não, venhas a ser importante ou não, gozes de saúde ou não, lembra-te sempre de quanto o teu pai e a tua mãe te amam.» Ao dizê-lo, olhando com amor para o adolescente diante de si e perante toda a congregação reunida para o serviço religioso, emocionei-me até às lágrimas e pensei: «Quanta graça há por detrás de tal bênção!»

Estou cada vez mais convencido de até que ponto nós, seres humanos, cheios de medos, angústias e inseguranças, precisamos de ser abençoados. As crianças precisam da bênção dos pais, e estes, da bênção dos filhos. Precisamos da bênção mútua: mestres e discípulos, rabinos e estudantes, bispos e sacerdotes, médicos e pacientes.

Vou explicar-te o que significa a palavra «bênção». Em latim, abençoar diz-se *benedicere*. A palavra bênção, usada em muitas igrejas, significa literalmente «dizer bem», *bene dicere*, ou dizer coisas boas de alguém. Sinto-me aqui diretamente implicado. Preciso de ouvir coisas boas a meu respeito, e sei bem até que ponto tu sentes a mesma necessidade. Hoje em dia, diz-se frequentemente: «Temos de nos afirmar uns aos outros.» Sem esta afirmação, é difícil viver uma vida satisfatória. Abençoar alguém é a

afirmação mais significativa que lhe podemos oferecer. É mais do que uma palavra de louvor ou de apreço; mais do que reconhecer os talentos ou as boas qualidades que tem; mais do que fazer com que seja conhecido. Abençoar é afirmar, é dizer sim à condição de amado de uma pessoa. Mais ainda: dar uma bênção cria aquilo que afirma. Há imensa admiração mútua neste mundo, assim como há muita condenação. Uma bênção vai muito além da admiração ou da condenação, da distinção entre virtudes e vícios, entre boas e más ações. A bênção tem a ver com a bondade original do outro, e fá-lo senti-la no seu amado ou na sua amada.

Há pouco tempo, tive na minha comunidade uma experiência pessoal do poder de uma bênção verdadeira. Quando me preparava para presidir a um tempo de oração partilhada numa das nossas casas, a Janet, uma pessoa com deficiência, membro da nossa comunidade, disse-me: «Henri, podes dar-me uma bênção?» Respondi quase automaticamente ao seu pedido, traçando com o polegar sobre a sua testa o sinal da cruz. Mas, em vez de me agradecer, protestou com veemência: «Não, assim não tem valor. Não é uma verdadeira bênção.» De repente, dei-me conta do modo demasiado ritualista da minha resposta ao seu pedido e disse: «Desculpa. Vou dar-te uma bênção autêntica quando estivermos reunidos para a oração.» Ela anuiu com um sorriso, e percebi que me era pedida uma bênção especial.

Depois da oração comunitária, quando cerca de trinta pessoas estavam sentadas no chão, em círculo, disse-lhes: «A Janet pediu-me uma bênção especial. Sente que precisa dela agora.» Ao dizê-lo, não sabia bem o que a Janet queria realmente. Mas ela tirou-me logo a dúvida. Assim que terminei de falar, levantou-se e veio ao meu encontro. Eu estava revestido de uma túnica branca com mangas muito largas, que me cobriam até às mãos. Espontaneamente, a Janet rodeou-me com os braços e apoiou a cabeça no meu peito. Sem pensar, envolvi-a com as minhas mangas, até quase a fazer desaparecer entre os pliegues da minha túnica. Estando assim os dois, em atitude de apoio mútuo, disse-lhe: «Janet, quero que saibas que és uma filha amada de Deus. És preciosa aos seus olhos. O teu maravilhoso sorriso, a tua bondade para com todas as pessoas da tua casa em Daybreak, e todas as coisas boas que fazes, mostram-nos a pessoa maravilhosa que és. Sei que te sentes um pouco deprimida nestes dias e que há alguma tristeza no teu

coração, mas quero que te lembres de quem és: uma pessoa muito especial, profundamente amada por Deus e por todos os que estão contigo.»

Quando terminei de falar, a Janet levantou a cabeça e olhou para mim; com um sorriso que lhe inundava todo o rosto fez-me saber que tinha realmente escutado e recebido a bênção. Quando voltou ao seu lugar, outra mulher com deficiência levantou a mão e disse: «Eu também quero uma bênção.» Levantou-se e, antes de eu me dar conta, já tinha encostado o rosto ao meu peito. Depois de ter pronunciado sobre ela as palavras da bênção, muitas das pessoas com deficiência que se tinham reunido comigo para a oração expressaram o desejo de ser abençoadas. Mas o momento mais comovente foi quando um dos assistentes sociais, um estudante de vinte e quatro anos, levantou a mão e disse: «E eu?» «Claro», respondi. «Vem.» Aproximou-se de mim e, quando ficámos frente a frente, abracei-o e disse: «John, é uma bênção ter-te connosco. Tu és o filho amado de Deus. A tua presença é uma alegria para todos. Quando as coisas se tornarem difíceis e a vida te parecer um peso, lembra-te sempre de que és amado com um amor eterno.» Depois de eu lhe ter dito isto, olhou-me com lágrimas nos olhos e disse: «Obrigado, obrigado, muito obrigado.»

Nessa noite percebi a importância de abençoar e de ser abençoados, e penso que é um sinal do amado. As bênções que trocamos são expressões da bênção que habita em nós desde toda a eternidade. É a afirmação mais profunda do nosso ser. Não basta ser eleito. Precisamos de bênções contínuas que nos permitam escutar, de novas formas, que pertencemos ao nosso Deus amoroso, que não só nunca nos abandonará, mas permanecerá sempre connosco. Que somos guiados por Deus em cada passo da nossa vida. Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, Jacob, Lia e Raquel, todos eles escutaram esta bênção e tornaram-se os pais e mães da nossa fé. Viveram a sua longa e, muitas vezes, penosa peregrinação, sem nunca esquecer que eram eleitos. Também Jesus escutou essa bênção depois de João Batista o ter batizado no Jordão. Uma voz desceu do alto e disse: «Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência.» E essa bênção sustentou-o em todos os elogios e críticas, em toda a admiração e condenação que se abateram sobre Ele a partir daquele momento. Como Abraão e Sara, Jesus nunca perdeu a convicção íntima de que era abençoados.

Digo-te tudo isto porque sei como nós os dois somos volúveis de humor. Num dia sentimo-nos nas alturas, e no seguinte acreditamos estar mergulhados na miséria. Num dia estamos cheios de novas ideias, e no dia seguinte tudo nos parece desolador e aborrecido. Num dia convencemo-nos de que podemos carregar o mundo aos ombros, e no seguinte consideramos qualquer exigência como excessiva. Estas mudanças de humor mostram-nos que já não abrimos a nossa alma à bênção que foi escutada por Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, Jacob, Lia e Raquel, e Jesus de Nazaré, e que nós também devemos escutar. Quando somos sacudidos pelas pequenas ondas da superfície da nossa existência, tornamo-nos presas fáceis do mundo manipulador. Mas se continuarmos a ouvir a voz suave que nos abençoa, podemos avançar pela vida com um sentido estável de bem-estar e de pertença a nós próprios.

Penso que o sentimento de ser abençoados não é o que mais habita em nós. Passaste muitos momentos difíceis na tua vida, em que te sentias mais amaldiçoado do que abençoados. E eu posso dizer o mesmo. Na verdade, suspeito que muitas pessoas sofrem com o sentimento de serem amaldiçoadas. Quando, por exemplo, nos restaurantes, presto atenção ao que as pessoas dizem durante a pausa do trabalho ou durante o jantar, ouço sobretudo queixas e lamentos, temperados com a amargura de um espírito resignado e passivo. Muitas pessoas, e nós também por vezes, sentem-se vítimas de um mundo que não podem mudar. E, de facto, as notícias diárias dos jornais não nos convidam a excessivos otimismos. O sentimento de nos sentirmos amaldiçoados impõe-se com mais facilidade do que o de nos sentirmos abençoados, e encontramos argumentos de sobra para o alimentar. Podemos dizer: «Olha o que acontece no mundo: olha os famintos, os refugiados, os prisioneiros, os doentes e os moribundos. Olha a pobreza, a injustiça e a guerra. Olha a tortura, os assassinatos, a destruição da natureza e da cultura. Olha as lutas diárias com os amigos, com o trabalho, com a saúde. Onde, onde está a bênção?» O sentimento de maldição domina-nos facilmente. Muitas vezes escutamos vozes interiores que nos chamam perversos, maus, corrompidos, inúteis, sem valor, destinados à doença e à morte. Não é suficiente para que acreditemos mais na maldição do que na bênção?

Mais uma vez te digo: como filho amado de Deus, estás abençoado. Foram ditas muitas palavras belas sobre ti, palavras que dizem a verdade. As maldições, por muito ruidosas, turbulentas, gritadas que sejam, não dizem a verdade. São mentiras. Mentiras fáceis de acreditar, mas, no fim de contas, mentiras.

Se as bênçãos dizem a verdade e as maldições mentem sobre quem tu e eu somos, então enfrentamos uma questão muito concreta: como escutar e ter a certeza da bênção? Se a nossa condição de seres abençoados não é apenas um simples sentimento, mas uma verdade que molda as nossas vidas diárias, temos de ser capazes de ver e experimentar essa bênção de forma clara. Vou dar-te duas sugestões para confirmar a tua condição de abençoado. Ambas têm a ver com a oração e a presença.

Primeiro, a oração. Para mim, a oração está a tornar-se cada vez mais o caminho para ouvir as vozes de bênção. Falei e escrevi muito sobre a oração, mas quando me retiro para um lugar tranquilo para rezar, dou-me conta de que, embora tenha tendência para dizer muitas coisas a Deus, o verdadeiro trabalho da oração é fazer silêncio e ouvir a voz que me diz coisas boas sobre mim. Isto pode parecer um exercício de simples autocomplacência. Mas, na prática, é um exercício difícil. Tenho tanto medo de ser amaldiçoado, de ouvir que não presto, ou, pelo menos, que não sou suficientemente bom, que facilmente cedo à tentação de começar a falar e continuar a falar para dominar os meus medos. No meu caso, tenho de fazer um grande esforço para deixar de lado e silenciar as muitas vozes que põem em dúvida a minha bondade e confiar em que chegarei a ouvir a voz da bênção.

Alguma vez tentaste passar uma hora inteira sem fazer outra coisa senão escutar a voz que habita no interior do teu coração? Como te sentes quando não podes ouvir rádio, nem ver televisão, nem ler um livro, nem tens ninguém com quem falar, nem projeto algum para concluir, nem telefonema para fazer? Muitas vezes, a nossa reação é a de perceber que há ainda muitas coisas por fazer. Então abandonamos o silêncio, que nos assusta, e voltamos ao trabalho. Não é fácil entrar no silêncio e ultrapassar as muitas vozes tumultuosas e exigentes do nosso mundo, e descobrir a voz suave, íntima, que nos diz: «Tu és o meu filho amado, em ti pus a minha

complacência.» Mas, se ousarmos abraçar a nossa solidão e amar o nosso silêncio, chegaremos a conhecer essa voz. Não quero dizer-te que um dia a ouvirás com os teus ouvidos corporais. Não falo de uma voz fruto de alucinação, mas de uma voz que pode ser ouvida pelos ouvidos da fé, pelo ouvido interior do nosso coração.

Muitas vezes terás a sensação de que nada acontece na tua oração. Dizes: «Mal me sento, já estou distraído.» Mas se insistes na prática de dedicar meia hora por dia a escutar a voz do amor, descobrirás, pouco a pouco, que algo está a acontecer, algo de que estavas totalmente alheio. Só com um olhar retrospectivo reconhecerás a voz que te abençoa. Ao princípio, pensavas que o que te acontecia durante esse tempo de escuta não passava de uma confusão de sensações. Mas depois dás por ti a procurar esse tempo de tranquilidade e a senti-lo em falta quando não o podes ter. A moção do Espírito de Deus é muito doce, muito suave e escondida. Dir-se-ia que não procura a nossa atenção. Mas, ao mesmo tempo, essa moção é persistente, forte e profunda. Muda os nossos corações radicalmente. A prática fiel da oração revela-te que és um abençoado e dá-te o poder de abençoar os outros.

Quero dar-te uma sugestão que pode ser-te muito útil. Uma boa maneira de escutar é fazê-lo acompanhado de um texto sagrado: um salmo ou uma oração, por exemplo. Eknath Easwaran, hindu, que escreveu sobre espiritualidade, ensinou-me o grande valor de aprender de cor um texto sagrado e repeti-lo mentalmente, devagar, palavra por palavra, frase por frase. Desta forma, escutar a voz do amor deixa de ser uma espera passiva, para se tornar numa atenção ativa à voz que nos fala através da Escritura.

Eu passo muitas das minhas meias horas de oração sem fazer outra coisa senão repetir a oração de São Francisco: «Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor...» Quando deixo que estas palavras desçam da mente ao coração, começo a experimentar, para além das minhas emoções e sentimentos inquietos, a paz e o amor que buscava nas palavras.

Desta forma, encontrei um meio de lidar com as minhas distrações. Quando me via a vaguear para longe do meu eu profundo, podia sempre

regressar à minha oração simples e, assim, voltar a ouvir no meu coração a voz que tanto queria escutar.

A minha segunda sugestão para assumires a tua condição de abençoado é o cultivo da presença. Por presença entendo a atenção às bênçãos que nos chegam dia após dia, ano após ano. O problema da vida moderna é estarmos demasiado ocupados — procurando, talvez, consolidar-nos em lugares errados? — para nos darmos conta de que somos pessoas abençoadas. Muitas vezes, as pessoas dizem coisas boas a nosso respeito, mas nós desvalorizamos com comentários como: «Não tem importância, esquece, não é nada...» ou semelhantes. Estes comentários podem parecer humildade, mas na realidade são sinais de que não estávamos preparados para receber verdadeiramente as bênçãos que nos eram oferecidas. Para nós, pessoas ocupadas, não é fácil receber de facto uma bênção. Talvez o facto de tão poucas pessoas darem uma bênção verdadeira seja a consequência triste de haver tão poucas dispostas ou capazes de a receber. Tornou-se extremamente difícil parar, ouvir, prestar atenção e acolher, agradecidos, o que nos é dado.

Viver com pessoas com deficiência intelectual mostrou-me isso claramente. Têm muitas bênçãos para oferecer. Mas como poderei recebê-las quando estou normalmente ocupado, a fazer tudo com sentido de urgência, a considerar tão importante o que faço? O Adam, um dos membros da minha comunidade, não pode falar, nem andar sozinho, nem comer sem ajuda, nem vestir-se ou despir-se sem auxílio. Mas tem muitas bênçãos para oferecer aos que passam tempo com ele, ajudando-o ou, simplesmente, sentando-se ao seu lado. Ainda não encontrei uma única pessoa que tenha passado algum tempo com o Adam e que não se tenha sentido abençoada por ele. Mas sabes também como é difícil essa simples presença. Há tanto que fazer, tantos trabalhos a começar e terminar, que a simples presença pode parecer inútil ou até uma perda de tempo. Mas sem o desejo consciente de «perder» o nosso tempo, é difícil escutar uma bênção.

Esta presença atenta pode permitir-nos ver quantas bênçãos estão à nossa espera para serem recebidas: a bênção do pobre que nos aborda na rua, a bênção das árvores em flor e das flores recém-abertas que nos falam de nova vida, as bênçãos da música, da pintura, da escultura e da

arquitetura. Tudo isto, mas sobretudo, as bênçãos que nos chegam por meio de palavras de agradecimento, de ânimo, de afeto e de amor. Não precisamos de nos esforçar muito para as encontrar. Estão aí, ao nosso redor, por todo o lado. Mas temos de estar atentos a elas e recebê-las. Não se impõem à força. São sinais suaves dessa voz bela, forte e escondida de quem nos chama pelo nome e diz coisas boas sobre nós.

Espero que estas duas sugestões, a da oração e a da presença, te possam ajudar a alcançar a condição de abençoado, que é a tua. Não posso sublinhar suficientemente a importância de tender para esta meta. Não tentar levar-te á rapidamente à terra dos amaldiçoados. Mal existe espaço neutro entre a terra dos abençoados e a dos amaldiçoados. Tens de escolher onde queres viver, e é uma escolha que deves continuar a fazer continuamente.

Antes de concluir estas reflexões sobre a nossa condição de abençoados, devo dizer-te que, quando tentas alcançar o teu próprio sentido de abençoado, isso conduz sempre a um desejo profundo de abençoar os outros. A característica dos abençoados é que, onde quer que vão, dizem sempre palavras de bênção. É notável como é fácil abençoar os outros, dizer coisas boas sobre os outros e a eles, chamar à sua beleza e à sua verdade, quando tu mesmo vives a tua própria condição de abençoado. O abençoado abençoa sempre. E as pessoas anseiam ser abençoadas. Vê-se claramente em todo o lado. Ninguém é chamado à vida mediante maldições, mexericos, acusações ou culpas. Há tanto disso à nossa volta constantemente! E isso apenas convida à escuridão, à destruição e à morte. Como abençoados, podemos caminhar por este mundo e oferecer bênçãos. Não exige grande esforço. É algo que flui naturalmente dos nossos corações. Quando ouvimos dentro de nós a voz que nos chama pelo nome e nos abençoa, a escuridão já não nos distrai. A voz que nos chama «o amado» dar-nos-á palavras para abençoar os outros e revelar-lhes que não são menos abençoados do que nós.

Tu vives em Nova Iorque. Eu, em Toronto. Enquanto passeias pela avenida Columbus e eu pela rua Yonge, podemos dar-nos conta, perfeitamente, da dureza do lado sombrio da realidade. A solidão, a falta de abrigo e a adição de algumas pessoas são demasiado visíveis. Todas essas pessoas anseiam pelas nossas bênçãos. Essa bênção só pode ser dada por

aqueles que antes a escutaram. Agora sinto-me preparado para escrever-te sobre a verdade mais dura sobre a qual se pode escrever: a nossa condição comum de seres destroçados. Quero falar-te de que, quando nos tornamos conscientes e vivemos essa verdade de que somos seres destroçados, quando dissemos sim a essa realidade, então podemos olhar para a nossa condição de fragilidade com os olhos bem abertos. É isso que vamos fazer agora.

III

FERIDOS

Chegou o momento de falar sobre a nossa condição de seres feridos. Tu és um homem ferido. Eu também, e todas as pessoas que conhecemos estão feridas. A nossa realidade de seres feridos é tão visível e tangível, tão concreta e específica, que é difícil acreditar que se possa pensar, falar ou escrever algo que escape a esta realidade.

Desde que nos encontrámos, falámos dessa realidade nossa. Tu querias algo de mim, para a secção de Connecticut do *New York Times*. Eu falei-te do que escrevia como expressão da necessidade de lidar com a minha própria solidão, com o meu sentido de isolamento, com os meus muitos medos e com a minha sensação geral de insegurança. Quando a conversa se orientou para ti, falaste do teu descontentamento com o trabalho, da tua frustração, e de não teres tempo e dinheiro suficientes para escrever o romance que tanto desejas escrever, e da confusão geral que te dominava sobre a orientação da tua vida. No ano que se seguiu ao nosso primeiro encontro, fomos-nos abrindo cada vez mais um ao outro acerca dos nossos sofrimentos, das nossas dores. E o partilhar das nossas lutas interiores tornou-se uma prova da nossa amizade.

Tu tiveste de viver uma separação dolorosa e um divórcio, e eu um longo período de depressão. Tu passaste por muitos momentos de desencanto no teu trabalho e vagueaste em busca do verdadeiro sentido da vida, enquanto eu me sentia esmagado pelas pressões que recaíam sobre o meu tempo e energia, levando-me muitas vezes a um estado de exaustão e desesperança.

Sempre que nos encontrávamos, chegávamos à conclusão de que as nossas vidas estavam feridas. Essa constatação da nossa parte era normal. Quando as pessoas se reúnem, as suas conversas centram-se facilmente nessa realidade de ruptura interior. As peças musicais mais célebres, as esculturas e quadros mais conhecidos, os livros mais lidos, são muitas vezes expressão direta da constatação humana dessa ruptura. Esta realidade nunca

está demasiado longe da superfície da nossa existência, porque todos sabemos que nenhum de nós escapará à morte, a manifestação mais radical da nossa condição de feridos.

Os líderes e profetas de Israel, que foram claramente escolhidos e abençoados, todos viveram uma vida profundamente marcada pela quebra. E nós, filhas e filhos amados de Deus, também não podemos escapar a essa fragilidade.

Há muito mais que gostaria de te dizer sobre a nossa condição de seres feridos. Mas, por onde começar? Talvez o mais simples seja dizer que a nossa quebra revela algo do que realmente somos. As nossas dores e sofrimentos não se reduzem a uma fastidiosa interrupção das nossas vidas. Antes, relacionam-se diretamente com a nossa condição única e a nossa mais íntima individualidade. A forma como estou ferido diz-te algo único sobre mim. E a forma como tu estás ferido diz-me algo único sobre ti. É esta a única razão para me sentir absolutamente privilegiado quando partilhas comigo, livremente, algo da tua dor profunda. E é uma expressão da minha profunda confiança em ti quando te revelo uma parte do meu lado vulnerável. A nossa quebra é vivida e experimentada sempre como algo intensamente pessoal, íntimo e único. Estou profundamente convencido de que cada ser humano sofre de uma forma distinta da de qualquer outro. Sem dúvida, podemos fazer comparações, podemos falar de um sofrimento maior ou menor. Mas, em última análise, a tua dor e a minha são tão profundamente pessoais que compará-las não traz praticamente alívio nem consolo. Sinto-me mais agradecido a alguém que seja capaz de reconhecer que estou muito só na minha dor, do que a alguém que tente dizer-me que há muitos outros a sofrer algo semelhante ou ainda pior.

A nossa quebra é verdadeiramente nossa. De mais ninguém. A nossa quebra é tão única como a nossa condição de escolhidos e de abençoados. A forma como estamos feridos é tanto uma expressão da nossa individualidade, como da maneira em que fomos escolhidos e abençoados. Sim, embora soe terrivelmente, como amados, temos de assumir a nossa ruptura única, tal como temos de assumir a nossa condição única de escolhidos e de abençoados.

Quero aproximar-te mais da nossa experiência de estarmos feridos. Como já disse, é uma experiência muito pessoal e, na sociedade em que vivemos, é geralmente uma experiência de ruptura interior, do coração. Embora muitas pessoas sofram de limitações físicas ou mentais, e embora haja uma grande pobreza económica, pessoas sem abrigo e falta de resposta às necessidades humanas básicas, o sofrimento de que estou mais consciente no meu viver diário é o da quebra do coração. Muitas vezes vejo o imenso sofrimento de relações partidas entre maridos e mulheres, pais e filhos, amantes, amigos e colegas de trabalho. No mundo ocidental, o sofrimento que parece ser o mais doloroso é o que tem origem na sensação de se sentir rejeitado, ignorado, desprezado e posto de lado. Na minha própria comunidade, formada por homens e mulheres com graves limitações, a maior fonte de sofrimento não é a deficiência em si, mas os sentimentos que a acompanham de se verem como seres inúteis, sem valor, desprezados e não amados. É muito mais fácil aceitar a incapacidade de falar, de andar ou de se alimentar sozinho, do que aceitar a incapacidade de significar algo para alguém. Os seres humanos podem suportar com coragem privações imensas. Mas quando sentimos que já não temos nada a oferecer a ninguém, perdemos rapidamente o apego à vida. Instintivamente sabemos que a alegria de viver nos vem de vivermos juntos, e que o sofrimento de viver procede das muitas formas em que somos incapazes de o conseguir de modo satisfatório.

É óbvio que um dos terrenos em que sentimos a nossa quebra de forma mais dolorosa é no campo da nossa sexualidade. A minha própria luta e a dos meus amigos tornam claro até que ponto a sexualidade é central na relação com a forma de pensarmos sobre nós mesmos. A nossa sexualidade revela-nos o nosso imenso desejo de comunhão. Os desejos do nosso corpo — ser tocados por alguém, abraçados e sustentados por outra pessoa — pertencem aos desejos mais profundos do coração. E são sinais muito concretos da busca da nossa identidade como seres únicos. Precisamente à volta deste desejo profundo de comunhão é onde surgem as maiores angústias. A nossa sociedade está tão fragmentada, as nossas vidas familiares tão partidas por distâncias físicas e emocionais, as nossas amizades tão esporádicas, as nossas intimidades tão sobrecarregadas de coisas e tão utilitárias, que há poucos lugares onde possamos sentir-nos autenticamente seguros. Noto em mim mesmo com que frequência o meu

corpo está tenso, quantas vezes fico em guarda, e quão raramente sinto a segurança completa de estar em casa. Se olho para as zonas residenciais de Toronto, para os seus feios e enormes supermercados, preparados ao detalhe para garantir um consumo mais eficiente, e para os atraentes cartazes publicitários que prometem descanso e relaxamento de formas muito sedutoras — tudo isso depois de terem devastado florestas, secado ribeiros e expulsado veados, coelhos e pássaros do seu habitat natural —, não me surpreende que o meu corpo grite por cura, ansiando por ser tocado, por um abraço que lhe dê segurança. Quando tudo à nossa volta sobre-estimula e expande até ao infinito a nossa capacidade sensorial, e quando o que nos é oferecido para saciar as nossas necessidades mais íntimas tem, geralmente, pouco de sedutor para elas, não é de estranhar que nos sintamos cheios de fantasias loucas, sonhos incontroláveis e sentimentos e pensamentos perturbadores. É precisamente aqui que somos mais necessitados e mais vulneráveis, onde experimentamos mais ruptura. A fragmentação e a comercialização do nosso meio tornam quase impossível encontrar um lugar onde o nosso ser total — corpo, alma e coração — se sinta a salvo e protegido. Caminhando pelas ruas de Nova Iorque ou de Toronto, é difícil não nos sentirmos arrancados para fora do centro do nosso ser como pessoas, e experimentar nas nossas entranhas a angústia e a agonia deste mundo.

A epidemia da sida é, provavelmente, um dos sintomas mais claros da quebra que existe dentro da nossa sociedade contemporânea. No sida, a morte e a vida estão intimamente unidas num abraço violento. Os jovens, desesperados por encontrar algum tipo de intimidade, colocam as suas vidas em risco ao procurá-la. Parece haver um grito que ressoa nos grandes espaços vazios da sociedade. E esse grito parece dizer: «é melhor morrer do que viver em constante solidão».

Ao ver morrer doentes de sida, e ao testemunhar a generosidade espontânea com que os seus amigos formam comunidade para os apoiar com carinho e com ajuda material e espiritual, pergunto-me muitas vezes se esta horrível doença não é um convite claro à conversão, dirigido a um mundo conduzido à destruição pela competição, pelas rivalidades e pelo isolamento crescente. A crise da sida pede-nos uma nova visão integral da quebra humana.

Como podemos responder a esta quebra? Gostaria de sugerir dois meios: primeiro, tornando o nosso mundo mais humano e acolhedor; e depois, colocando-o sob o sinal da bênção. Espero que sejas capaz de os pôr em prática na tua própria vida. Eu tentei-o constantemente, algumas vezes com mais êxito do que outras. Mas estou convencido de que estes dois meios apontam na direção certa, a de poder enfrentar o problema da nossa ruptura.

A primeira resposta, portanto, à nossa quebra é olhá-la de frente e com carinho. Parece que isto tem pouco de natural. A nossa primeira reação ao sofrimento, a mais espontânea, é evitá-lo, colocar entre ele e nós uma boa distância; ignorá-lo, contorná-lo ou negá-lo. O sofrimento, seja físico, mental ou emocional, é sempre considerado um intruso indesejado nas nossas vidas, algo que não deveria estar ali. É difícil, se não impossível, ver algo de positivo no sofrimento. Sentimos que deve ser evitado a todo o custo.

Quando esta é a nossa atitude, não surpreende que olhar o sofrimento com simpatia pareça, à partida, masoquismo. Mas o meu próprio sofrimento na vida ensinou-me que o primeiro passo para o curar não é fugir dele, mas ir ao seu encontro. Quando a quebra é, de facto, uma parte do nosso ser, tal como a nossa condição de escolhidos e abençoados, temos de ousar superar o nosso medo e familiarizar-nos com ela. Temos de encontrar a coragem para abraçar a nossa ruptura interior, fazer amizade com o nosso mais terrível inimigo e assumi-lo como um companheiro íntimo. Estou convencido de que a cura é, muitas vezes, difícil porque não queremos reconhecer a dor. Embora isto seja verdade em relação a qualquer dor, é-o especialmente se falarmos daquela que vem de um coração partido. A angústia e a agonia que resultam da rejeição, da separação, do abandono, do abuso e da manipulação emocional só servem para nos paralisar quando não conseguimos enfrentá-las. E fugimos delas imediatamente. Quando precisamos de orientação em meio ao nosso sofrimento, esta deve ir no sentido de nos aproximarmos mais da dor e de nos tornarmos conscientes de que não temos de a evitar, mas sim de a olhar com simpatia.

Lembro-me vivamente do dia em que cheguei a tua casa. Estava em Nova Iorque e telefonei-te. Tínhas acabado de perceber que o teu

matrimónio se tinha ferido para sempre. O teu sofrimento era imenso. Vias como se tinha evaporado um dos sonhos da tua vida; já não tinhas qualquer sentido de futuro; sentias-te só, culpado, ansioso, envergonhado e profundamente traído. A dor lia-se no teu rosto. Foi o momento mais duro da tua vida. O que podia eu dizer-te? Sabia que qualquer sugestão que fizesse, como por exemplo que ainda havia coisas boas em que pensar, ou que as coisas não eram tão más como pareciam, seria inútil. Soube que a única coisa que podia fazer era estar contigo, permanecer ao teu lado e, de algum modo, encorajar-te a não fugires da tua dor, mas a confiaras que serias capaz de viver com ela. Agora, muitos anos depois, podes realmente dizer que és capaz de conviver com ela e de te sentires mais forte por meio dela. Naquele momento parecia uma tarefa impossível, mas foi a única que podia sugerir-te.

A minha própria experiência relativamente à angústia tem sido a de que enfrentá-la e viver com ela é o caminho da cura. Mas não posso fazê-lo sozinho. Preciso de alguém que me ajude a manter-me de pé com ela, que me assegure que há paz para além da angústia, vida para além da morte e amor para além do medo. Mas agora sei, pelo menos, que tentar afastá-la, reprimir-la ou escapar ao sofrimento é amputar um membro que poderia ser curado com os cuidados adequados. A verdade profunda é que o nosso sofrimento não tem de ser um obstáculo à alegria e à paz que tanto desejamos, mas pode tornar-se o caminho para eles. O grande segredo da vida espiritual, a vida dos filhos e filhas amados de Deus, é que tudo o que vivemos, seja alegria ou tristeza, gozo ou dor, saúde ou doença, pode ser parte do nosso caminho rumo à plena realização da nossa condição de seres humanos. É fácil dizermo-nos uns aos outros: «Tudo o que é bom e belo nos conduz à glória dos filhos de Deus». Mas é muito difícil dizer: «Não sabes que todos temos de sofrer para assim chegarmos à nossa glória interior?» O verdadeiro cuidado que devemos uns aos outros, a verdadeira preocupação pelos demais, exprime-se na vontade de nos ajudarmos mutuamente a transformar a nossa quebra na porta para a alegria.

A segunda resposta à nossa quebra é colocá-la sob a bênção. Para mim, este «colocar a nossa quebra sob a bênção» é condição prévia para a olhar com simpatia. Muitas vezes é aterrador encarar de frente a nossa ruptura interior, porque a vivemos sob o signo da maldição. Viver assim a nossa

quebra significa experimentar as nossas dores como uma confirmação dos nossos sentimentos negativos acerca de nós próprios. É o mesmo que dizer: «Já suspeitava eu que era um ser inútil, que não valia nada, e agora tenho a certeza disso pelo que me está a acontecer». Há sempre em nós algo que procura explicação para tudo o que nos sucede na vida, sobretudo se já cedemos à tentação do autodesprezo. Então, toda a forma de má sorte não faz senão confirmar-nos nessa convicção. Quando a morte nos arrebata um familiar ou um amigo, quando perdemos o emprego, quando falhamos num exame, quando vivemos separados ou divorciados, quando estala uma guerra, quando um terramoto destrói a nossa casa ou nos afeta de algum modo, a nossa pergunta «Porquê?» surge espontaneamente. «Porquê eu?», «Porquê agora?», «Porquê aqui?» É tão duro viver sem uma resposta a esse «Porquê?», que facilmente somos seduzidos a ligar os factos que não dominamos à nossa autoinferiorização consciente ou inconsciente. Quando nos amaldiçoamos a nós próprios, ou permitimos que outros o façam, é muito tentador explicar todas as quebras que experimentamos como expressão ou confirmação dessa maldição. Antes de nos darmos plena conta, já nos dissemos: «Vês, sempre pensei que não era bom... Agora sei-o com toda a certeza. Os factos provam-no».

A grande chamada espiritual dos filhos amados de Deus é a de trazer à luz a sua quebra, desde o fundo das trevas da maldição, e colocá-la ao abrigo da luz da bênção. Não é tão fácil como parece ao ouvi-lo. Os poderes das trevas que nos rodeiam são fortes, e o nosso mundo encontra mais facilmente maneira de manipular as pessoas que se subestimam do que aquelas que se aceitam como são. Mas quando escutamos atentamente a voz do amado que nos chama, é possível viver a nossa quebra, não como confirmação do nosso medo de sermos algo sem qualquer valor, mas como uma oportunidade de purificar e aprofundar a bênção que repousa sobre nós. A dor física, mental ou emocional vivida sob o sinal da bênção é experimentada de forma radicalmente diferente daquela vivida sob a maldição. Até uma pequena carga, percebida sob o sentimento da nossa nulidade, pode levar-nos a uma profunda depressão, até ao suicídio. Em contrapartida, cargas grandes e pesadas tornam-se leves e fáceis de suportar quando vividas à luz da bênção. O que a princípio parecia intolerável, converte-se num desafio. O que parecia motivo de depressão torna-se fonte

de purificação. O que parecia castigo transforma-se numa suave disciplina. O que parecia rejeição, torna-se via de comunhão mais profunda.

Dessa forma, é uma grande tarefa poder viver e sentir a bênção em meio à nossa quebra. Então, as nossas rupturas começarão a ser vistas como uma abertura à plena aceitação pessoal como seres amados. Isto explica como o verdadeiro gozo pode ser experimentado em meio a um grande sofrimento. É o gozo de se sentir disciplinado, purificado, «polido». Tal como os atletas conseguem viver o sofrimento durante a corrida e, ao mesmo tempo, experimentar grande alegria ao saber que se aproximam da meta, assim o amado pode experimentar o sofrimento como meio para uma comunhão mais profunda, que é o que deseja. Aqui, o gozo e o sofrimento já não são opostos, mas tornaram-se as duas faces do mesmo desejo de avançar até à plenitude do amado.

Os diferentes programas de reabilitação, como o dos Alcoólicos Anónimos e o dos Filhos de Alcoólicos, são caminhos para colocar a nossa quebra interior sob o sinal da bênção e, desse modo, abrir-nos ao caminho de uma vida nova. Todas as dependências nos escravizam, mas sempre que confessamos abertamente as nossas dependências e expressamos a confiança de que Deus pode realmente libertar-nos delas, a fonte do nosso sofrimento transforma-se em manancial de esperança.

Lembro-me vivamente de como, num certo momento, comecei a tornar-me totalmente dependente do afeto e da amizade de uma pessoa. Essa dependência estava a lançar-me num poço de grande angústia, levou-me à beira da depressão e, com ela, à fronteira da autodestruição. Mas desde o momento em que fui ajudado a experimentar a minha busca de contacto com os outros como uma expressão da minha entrega total ao Deus do amor, que preencheria os desejos mais profundos do meu coração, comecei a viver a minha dependência de uma forma radicalmente nova. Em vez de a viver mergulhado na vergonha e numa situação embaraçosa, fui capaz de a viver como um convite urgente a reclamar para mim o amor incondicional de Deus, um amor do qual posso depender sem qualquer medo.

Querido amigo, pergunto-me se te ajudei com o que disse sobre a situação de quebra em que vivemos. Amá-la e colocá-la sob a bênção não faz com que a nossa dor seja necessariamente menos dura. De facto, torna-

nos mais conscientes de quão profundas são as feridas, e de como é pouco realista esperar que desapareçam. Viver com pessoas com deficiência psíquica tornou-me cada vez mais consciente de como as nossas feridas são, muitas vezes, parte essencial do tecido das nossas vidas. O sofrimento causado pela rejeição dos pais, pela impossibilidade de casar, pela angústia de necessitar sempre de alguém para as coisas mais banais como vestir-se, comer, andar, apanhar o autocarro, comprar um presente ou pagar um bilhete... nenhuma destas quebras desaparecerá ou diminuirá. Mas abraçá-las e levá-las para debaixo do esplendor da luz do Uno que nos chama de amados pode fazer com que a nossa quebra brilhe como um diamante.

Lembras-te de como, há dois anos, fomos ao Lincoln Center e ouvimos Leonard Bernstein a dirigir a música de Tchaikovsky? Foi uma noite comovente. Mais tarde apercebemo-nos de que tinha sido a última vez que pudemos ouvir este músico genial. Leonard Bernstein foi, sem dúvida, um dos maestros e compositores que mais influenciou a minha introdução na beleza e no gozo da música. Sendo muito jovem, senti-me completamente arrebatado pela forma extraordinária com que desempenhava os dois papéis, o de maestro e o de solista, na interpretação dos concertos para piano de Mozart, na sala de concertos Kurhaus, em Scheveningen, Holanda. Meses depois de ter visto no cinema o seu *West Side Story*, surpreendia-me a trautear as suas cativantes melodias, e voltava à sala sempre que podia.

Ao reparar no seu rosto na televisão, enquanto dirigia e explicava a música clássica às crianças, dei-me conta de até que ponto Leonard Bernstein se tinha tornado para mim no mais venerado mestre de música. Por isso, não é surpreendente que a sua morte repentina me tenha ferido como a de um amigo muito pessoal.

Enquanto te escrevo sobre a nossa quebra, recordo uma cena da *Missa* de Leonard Bernstein — um musical escrito em memória de John F. Kennedy —, que para mim encerra a ideia da quebra colocada sob a bênção. Perto do fim da obra, o sacerdote, ricamente paramentado com os seus esplêndidos ornamentos litúrgicos, foi levantado pelo seu povo acima das cabeças de uma multidão em atitude de adoração. O sacerdote levava nas mãos um cálice. Subitamente, a pirâmide humana desmoronou-se, e o sacerdote caiu como um trapo. Arrancaram-lhe as vestes. O cálice caiu ao

chão e fez-se em cacos. Quando o sacerdote, descalço, de calças de ganga e t-shirt, começou a caminhar lentamente sobre as ruínas da sua antiga glória, ouviram-se vozes de crianças que cantavam: «Laude, laude, laude. Gloria, gloria, gloria». O sacerdote viu o cálice partido. Olhou-o durante algum tempo e depois, hesitante, disse: «Nunca teria pensado que um cálice pudesse brilhar com tanta intensidade».

Nunca esquecerei estas palavras. Para mim, captam o mistério da minha vida, ou da tua, e agora, pouco depois da sua morte, também a vida esplêndida, mas trágica, do próprio Bernstein.

Antes de concluir estas palavras, quero dizer-te de novo algo sobre as implicações que tudo isto tem nas nossas relações com os outros. À medida que avanço em anos, torno-me mais consciente do pouco ou do muito que podemos fazer pelos demais. Fomos escolhidos, abençoados e feridos, para ser entregues. É disso que vou falar-te agora.

IV

ENTREGUES

Somos escolhidos, abençoados, destroçados para ser entregues. O quarto aspetto da vida do amado é o de ser entregue. Para mim, pessoalmente, isso significa que somente a partir da nossa realidade de pessoas entregues podemos compreender a nossa condição de escolhidos, abençoados e destroçados. Na entrega torna-se claro que somos escolhidos e destroçados, não simplesmente em atenção a nós próprios, mas para que tudo o que vivemos encontre a sua significação final no viver para os outros.

Nós os dois conhecemos por experiência a alegria que nasce de fazer algo por outra pessoa. Tu fizeste muito por mim, e eu estarei sempre agradecido pelo que me deste. Parte da minha gratidão, no entanto, resulta de te ver tão feliz em dar-me tanto. É muito mais fácil ser agradecido por um presente que nos é oferecido com alegria, do que por outro acompanhado de reticência e má vontade. Já viste alguma vez a alegria de uma mãe ao ver sorrir o seu filho? O sorriso da criança é um presente para a mãe, que agradece ao ver o seu filho tão feliz.

Que mistério maravilhoso! A nossa realização mais completa consiste em darmos aos outros. Embora muitas vezes pareça que as pessoas dão apenas para receber, creio que, por baixo do desejo que todos temos de ser apreciados, recompensados, reconhecidos, existe um desejo simples e puro de dar. Lembro-me de como, uma vez, passei horas em várias lojas holandesas, à procura de um simples presente para os meus pais, entregue ao prazer da alegria antecipada de poder oferecer. Tornamo-nos pessoas maravilhosas quando damos o que podemos dar: um sorriso, um aperto de mão, um beijo, um abraço, uma palavra de amor, uma prenda, uma parte da nossa vida... ou toda ela. Percebi isto de maneira comovente no dia em que tu e a Robin vos casastes. Foi o dia em que chegou ao fim a dor pelo fracasso do teu primeiro matrimónio. E foste capaz de alcançar a verdade de que a vida encontra a sua plena realização no dar-se. Na tarde anterior ao casamento, vieste buscar-me ao aeroporto de La Guardia, levaste-me a

jantar com a tua mãe, a tua irmã, o teu cunhado e a tua sobrinha pequena. Depois, levaste-me ao hotel. Foi um belo fim de semana do mês de maio, e, embora estivesses tão nervoso como qualquer noivo no dia anterior ao seu casamento, notava-se em ti paz e alegria. O teu coração vivia antecipadamente a tua vida com a Robin. Disseste-me que ela te tinha restituído a confiança em ti mesmo, dissipado as tuas dúvidas sobre a tua capacidade de amar e de encontrar trabalho. E tinha-te animado a confiar que ias encontrar o melhor caminho para usar os teus dons, mesmo que não pudesses encaixar nas categorias tradicionais que a sociedade pudesse oferecer-te. E, sobretudo, que a Robin te amava pelo que eras, e não pelo que pudesses vir a ganhar ou a realizar. Também me falaste do grande apoio que tu tinhas sido para ela. Admiravas a sua entrega total como advogada em favor dos pobres e dos sem-abrigo, os seus grandes dotes para defender os sem voz deste mundo, e a sua vitalidade e bom humor. Mas também estavas bem consciente de que lhe tinhas dado algo que ela não podia dar a si mesma: um lar, um lugar seguro e fecundo. Era tão belo sentir o teu amor por ela, e eu sentia-me tão privilegiado por ter sido convidado a ser testemunha tão próxima desse amor!

À medida que fomos vivendo o esplêndido dia do casamento, com os seus comoventes ritos judaicos, presididos pela tua amiga, a rabina Helene Ferris, a alegre festa que se seguiu à cerimónia religiosa e o agradabilíssimo jantar, dei-me mais conta do que nunca até que ponto é verdade que as nossas vidas encontram a sua plena realização na entrega aos outros. Nesse dia entregaste-te à Robin e deixaste claro que, acontecesse o que acontecesse com o teu trabalho, com a tua saúde ou no cenário político ou económico, a Robin seria, a partir de então, a tua primeira preocupação.

Como o teu casamento com a Robin era a tua segunda experiência matrimonial, e como tinhas vivido a longa solidão do divórcio, em meio a toda aquela alegria sentias-te muito humilde. Sabias que nada feliz acontece automaticamente, e que a entrega de ti mesmo à Robin era uma decisão que devia ser renovada diariamente, especialmente nos dias em que experimentásseis entre vós um certo distanciamento.

Também me dei perfeita conta da necessidade que tinhas de te sentir rodeado do amor da tua família e amigos, enquanto tu e a Robin

expressáveis os vossos mútuos compromissos. O teu convite para que eu estivesse tão perto de vós no dia do vosso casamento fez-me saber que querias que eu fosse um dos amigos que te ajudasse a ser fiel. E assumi isso como uma responsabilidade gozosa.

É triste ver que, no nosso mundo, tão enormemente competitivo e ganancioso, tenhamos perdido a alegria de dar. Muitas vezes vivemos como se a nossa felicidade dependesse de ter. Mas não conheço ninguém que seja realmente feliz pelo que possui. A verdadeira alegria, a felicidade e a paz interior procedem de nos darmos aos outros. Uma vida feliz é uma vida entregue aos outros. Mas essa verdade é normalmente descoberta quando nos confrontamos com a nossa rutura interior.

Refletindo um pouco mais sobre a forma como a nossa amizade foi crescendo ao longo dos anos, dou-me conta de que existe um vínculo misterioso entre a nossa rutura e a nossa capacidade de nos entregarmos mutuamente. Os dois passámos por períodos de dor interior extrema. E, nesses momentos penosos, sentíamos, muitas vezes, que as nossas vidas tinham chegado a um total estancamento, que já não tínhamos nada a oferecer. Mas agora, anos depois, esses períodos foram precisamente os que nos tornaram capazes de dar mais. A nossa rutura abriu-nos a uma forma mais profunda de partilhar as nossas vidas e de nos oferecermos esperança mútua. Tal como o pão precisa de ser partido para ser oferecido, assim acontece com as nossas vidas —o que não significa que devamos ser causas conscientes e positivas de dor para os outros, para podermos ser melhores oferentes. Embora um cristal partido possa brilhar muito, só um louco o quebraria de propósito para o fazer brilhar. Como pessoas mortais, a rutura é uma realidade da nossa existência e, à medida que nos apoiamos nela e a colocamos sob a bênção, descobriremos quanto temos para dar, muito mais do que alguma vez seríamos capazes de sonhar.

Não será uma refeição em comum a expressão mais bela do nosso desejo de nos entregarmos mutuamente na nossa rutura? Não serão a mesa, o alimento, as bebidas, as palavras, as pequenas histórias, os caminhos mais íntimos pelos quais não apenas expressamos o nosso desejo de nos darmos mutuamente as nossas vidas, mas a realidade de que já o estamos a fazer? Gosto muito da expressão «partir o pão juntos», porque nella partir e dar são

claramente um só. Quando comemos juntos, tornamo-nos vulneráveis uns para os outros. À volta de uma mesa não podemos trazer armas de qualquer espécie. Comer do mesmo pão e beber do mesmo cálice exige-nos viver na unidade e na paz. Isto torna-se muito evidente quando há um conflito pelo meio. Nesses casos, comer e beber juntos pode transformar-se numa realidade ameaçadora. A refeição pode chegar a ser o momento mais temido do dia. Todos podemos recordar silêncios dolorosos durante um jantar. Contrastam totalmente com a intimidade de comer e beber juntos. O distanciamento entre os que se sentam à mesa pode ser insuportável. Em contrapartida, uma refeição verdadeiramente alegre e pacífica em conjunto é um dos acontecimentos mais belos da vida. Não te parece que o nosso desejo de comer juntos é uma expressão do nosso desejo mais profundo de nos alimentarmos mutuamente? Não dizemos, por vezes, que foi uma conversa muito substancial, um tempo revigorante? Creio que o nosso desejo humano mais profundo é o de nos darmos, transformando-se isto em verdadeira fonte de crescimento físico, emocional e espiritual. Não será o ato de um bebé a mamar um dos sinais mais comoventes do amor humano? Não será «saborear» a melhor palavra para exprimir a experiência da intimidade? Não experimentam os que se amam, nos seus momentos de êxtase, que o seu amor é o desejo de se devorarem e beberem mutuamente? Como amados, a nossa maior satisfação reside em nos tornarmos pão para o mundo. Esta é a expressão mais íntima do nosso desejo mais profundo de nos darmos mutuamente.

Como pode isto tornar-se realidade? Se a nossa maior plenitude procede de nos sentirmos oferenda para os outros, como vamos conseguir viver esta visão no dia a dia, que fala mais de ter do que de dar? Gostaria de sugerir duas diretrizes: dar-se na vida e na morte.

Em primeiro lugar, a nossa própria vida é o maior dom que podemos oferecer —algo que esquecemos constantemente. Quando pensamos no nosso dar mútuo, o que nos vem imediatamente à mente é a entrega dos nossos talentos únicos: as nossas capacidades para realizar certas coisas e fazê-las extraordinariamente bem. Tu e eu falámos muitas vezes disso. «Qual é o nosso talento único?», perguntávamo-nos. Mas, quando nos centramos nos talentos, tendemos a esquecer que o nosso dom verdadeiro não é tanto o que podemos fazer, mas o que somos. A verdadeira pergunta

não é «o que podemos oferecer-nos mutuamente?», mas «o que podemos ser um para o outro?». Sem dúvida é uma fonte de alegria podermos reparar algum estrago na casa de um vizinho, dar um bom conselho a um amigo, oferecer uma orientação sábia a um colega de trabalho, curar um doente ou anunciar a boa nova a um paroquiano. Mas há um dom maior que todos estes. É o dom da nossa própria vida, que se torna visível através do que fazemos. À medida que vou crescendo em anos, descubro cada vez mais que o maior dom que tenho para oferecer é a minha própria alegria de viver, a minha paz interior, o meu silêncio e solidão, a minha experiência pessoal de me sentir bem. Quando me pergunto: «Quem é que mais me ajuda?», chego sempre à mesma conclusão: «Aquele que deseja partilhar a sua vida comigo».

É muito útil distinguir entre talentos —a capacidade de fazer coisas— e dons. Os dons são mais importantes do que os talentos. Podemos ter apenas alguns talentos, mas possuímos muitos dons. Estes são as múltiplas formas pelas quais exprimimos a nossa humanidade, os caminhos ou modos de sairmos de nós mesmos em direção aos outros. Fazem parte do que somos: a amizade, a bondade, a paciência, a alegria, a paz, o perdão, a delicadeza, o amor, a esperança, o sentido de confiança, e muitos mais. Estes são os verdadeiros dons que temos para oferecer-nos mutuamente.

Conheci de muitas formas e muito frequentemente, sobretudo como fruto da minha própria experiência pessoal, o enorme poder curativo destes dons. Mas, desde a minha chegada a uma comunidade com pessoas com deficiências psíquicas, descobri plenamente esta simples verdade. Poucas destas pessoas, se é que alguma, têm talentos de que se possam vangloriar. Poucos têm capacidade para contribuir em algo para a sociedade e, dessa forma, ganhar algum dinheiro, competir no mercado aberto ou conquistar prémios. Mas que esplêndidos são os seus dons! O Bill, que sofreu muito como consequência de relações familiares quebradas, tem um dom para a amizade como raras vezes vi. Mesmo quando me distraio ou me impaciento por causa dos aborrecimentos que me causam outras pessoas, ele permanece sempre fiel, e continua a ajudar-me em tudo o que faço. A Linda, que tem grande dificuldade em falar, possui um dom único de acolhimento. Muitos dos que passaram pela nossa comunidade recordam-se dela como a pessoa que os fez sentir-se em casa. O Adam, que é incapaz de falar, andar ou

comer sem ajuda, que precisa constantemente de alguém, tem o grande dom de transmitir paz aos que cuidam dele e vivem com ele.

Quanto mais vivo em A Arca, mais vejo os verdadeiros dons que em nós, aparentemente pessoas sem deficiências, muitas vezes permanecem enterrados sob os nossos talentos. A evidente fragilidade dos nossos diminuídos psíquicos permite-lhes, de forma misteriosa, oferecer os seus dons livremente, sem qualquer inibição. Agora sei, com mais certeza do que nunca, que somos chamados a dar as nossas vidas uns pelos outros. E, fazendo-o assim, é como nos tornamos numa autêntica comunidade de amor.

Em segundo lugar, devemos dar-nos, não apenas na vida, mas também na morte. Como filhos amados de Deus, somos chamados a fazer da nossa morte o maior dom. É verdade que somos quebrados, e é igualmente verdade que temos de nos dar. Por isso, a nossa rutura final, a morte, deve ter o sentido do dom último de nós mesmos. Não é fácil vê-lo desta forma. A morte apresenta-se-nos como uma inimiga da qual temos de fugir enquanto pudermos. Não gostamos de falar da morte nem de pensar nela. Mas, se há algo de que estamos certos, é de que havemos de morrer. Admira-me o esforço que a nossa sociedade faz para nos impedir de nos preparamos para a morte.

Para os filhos e filhas amados de Deus, morrer é a porta da experiência perfeita de nos sentirmos amados. Para os que sabem que foram escolhidos, abençoados e quebrados, morrer é o meio de se tornarem num dom puro. Penso que tu e eu não falámos muitas vezes sobre a morte. Parece-nos algo distante, impreciso, como se a sua realidade dissesse mais respeito aos outros do que a nós mesmos, apesar de constantemente os meios de comunicação nos confrontarem com a trágica realidade de incontáveis pessoas que morrem, em consequência da violência, da guerra, da fome e do abandono. Embora ouçamos regularmente que pessoas do nosso próprio meio familiar e do círculo dos nossos amigos morreram, prestamos muito pouca atenção à nossa progressiva aproximação da morte. Na nossa sociedade temos pouco tempo para lamentações quando morre um amigo ou um familiar. Tudo à nossa volta nos incentiva a seguir em frente, como se nada tivesse acontecido. Mas assim nunca entramos em contacto com a

realidade da nossa morte. Tentamos negá-la o mais tempo possível. E sentimos perplexidade, espanto, quando nos apercebemos de que não podemos escapar-lhe.

Mas, como amado, sou chamado a confiar em que a vida é uma preparação para a morte como ato final da nossa doação. Não apenas somos chamados a viver pelos outros, mas também a morrer pelos outros. Será isto possível?

Vou falar-te de dois amigos muito queridos que morreram nos últimos meses: Murray McDonnell e Pauline Vanier. Tenho muitas saudades deles. As suas mortes foram uma perda dolorosa. Sempre que penso neles, sinto a dor dilacerante de já não estarem nas suas casas com as suas famílias e amigos. Já não posso telefonar-lhes, visitá-los, ouvir as suas vozes ou ver os seus rostos. Sinto uma dor enorme. Mas acredito firmemente que as suas mortes são, para além de uma perda, também um dom.

A morte dos que amamos e dos que nos amam oferece-nos a possibilidade de novas e mais radicais comunhões. Convida-nos a uma nova intimidade, a um novo pertencermos-nos mutuamente. Como o amor é mais forte do que a morte, tem o poder de aprofundar e fortalecer os laços que gerou entre os que se amam. Só depois de Jesus ter deixado os seus discípulos é que estes foram capazes de compreender plenamente o que Ele significava para eles. Não se repete esta mesma história com todos os que morrem no amor?

Só depois da nossa morte é que os nossos espíritos chegam a revelar-se totalmente. Murray e Pauline foram ambos pessoas maravilhosas. Mas, como tais, as suas capacidades de amar estavam limitadas pelas suas muitas necessidades e feridas. Agora, depois da morte, as necessidades e feridas que mantinham cativos os seus espíritos já não os inibem de nos poderem oferecer todo o seu ser. Agora podem dar-nos os seus espíritos, e nós podemos viver uma nova comunhão com eles.

Nada disto acontece sem preparação. Sei-o bem, porque vi pessoas morrerem na angústia e na amargura, rejeitando totalmente a sua condição de mortais. As suas mortes tornaram-se fonte de frustração, e até de culpa, para os que ficaram. As suas mortes nunca puderam transformar-se em

dons. Tinham pouco para oferecer. Neles, o espírito extinguiu-se pelo poder das trevas.

Sim, existe uma boa morte. Somos responsáveis pela forma como morremos. Temos de escolher entre nos agarrarmos à vida de tal forma que a morte seja um fracasso, ou deixarmos a vida em liberdade, de modo a podermos ser entregues aos outros como fonte de esperança. É uma escolha crucial, e temos de trabalhar para a tornar perfeita todos os dias da nossa vida. A morte não tem de ser o nosso fracasso final, a nossa última derrota na luta pela vida, um facto inevitável. Se o nosso desejo humano mais profundo é dar-nos aos outros, então podemos fazer da nossa morte um dom final. É maravilhoso pensar como a morte pode ser fecunda quando é um dom livre.

Para Murray, que morreu de repente devido a uma falha cardíaca, os últimos cinco anos de vida foram uma preparação para a sua morte. Tornou-se cada vez mais aberto à sua esposa, Peggy, aos seus nove filhos e às suas famílias, e a todos os que amava. Teve também a coragem de fazer as pazes com todos aqueles com quem, de uma forma ou de outra, se tinha desentendido. A sua grande abertura para comigo, o seu sincero interesse pela minha vida com as pessoas com deficiências psíquicas e o seu generoso apoio aos meus escritos criaram um forte vínculo entre nós. Custa-me muito pensar que já não está aqui para mim. Mas a sua morte, embora tenha sido um duro golpe, transformou-se numa celebração de amor. Quando toda a família se voltou a reunir um ano depois da sua morte, todos tinham coisas belas para contar sobre como Murray lhes tinha dado um novo sentido de vida e de esperança a todos os que choraram a sua partida.

Pauline Vanier tinha noventa e três anos quando morreu. Como esposa de um antigo governador-geral do Canadá, tinha vivido entre os grandes e poderosos deste mundo. Mas quando, após a morte do marido, se juntou ao filho Jean na sua comunidade formada por frágeis e pobres, tornou-se avó, mãe, amiga e confidente de muitos deles. Durante o ano em que vivi na sua casa, ofereceu-me muito do seu carinho e partilhou comigo grande parte da sua sabedoria. Vir para A Arca é um facto que estará sempre ligado, para mim, à pessoa da amorosa «Mammie». Embora sinta a sua falta, sei que os

frutos da sua vida se tornarão cada vez mais evidentes na minha e na de todos os que estiveram próximos dela. E confio que o seu espírito, tão cheio de humor e de oração, continuará a guiar-nos.

A vida do amado dá frutos em muitas vidas. Tu e eu temos de confiar que as nossas breves vidas podem dar fruto muito para além dos limites da nossa cronologia. Mas temos de estar bem conscientes disso. Temos de confiar profundamente em que, depois de entregarmos o nosso espírito, ele será fonte de alegria, paz e vida para os que se recordarem de nós. Francisco de Assis morreu em 1226, mas continua ainda tão vivo! A sua morte foi um verdadeiro dom, e hoje, quase oito séculos depois, continua a oferecer vida e energia aos seus irmãos e irmãs, dentro e fora da ordem franciscana. Morreu, mas não morreu. A sua vida continua a dar frutos em todo o mundo. O seu espírito continua a descer sobre nós. Estou convencido, mais do que nunca, de que a morte pode ser considerada como o dom final da nossa vida.

A ti e a mim resta-nos pouco tempo de vida. Os vinte, trinta, quarenta ou cinquenta anos que temos pela frente passarão rapidamente. Agimos como se tivéssemos de viver para sempre e surpreendemo-nos quando vemos que não é assim. Mas também podemos viver com antecipação jubilosa o facto de que o nosso maior desejo de dar a vida pelos outros pode chegar à sua plena realização pela forma como escolhermos morrer. Se for uma morte em que entreguemos a vida em liberdade, nós e todos aqueles que amamos descobriremos quanto temos para dar.

Fomos escolhidos, abençoados e feridos para ser entregues, não só na vida, mas também na morte. Como filhos amados de Deus, somos chamados a tornar-nos pão uns para os outros, pão para o mundo. Esta visão dá uma nova dimensão à história de Eliseu e a multiplicação dos pães. Eliseu disse ao criado que chegou com vinte pães de cevada e de grão novo: «Dá-os aos que nos acompanham para que comam». Quando o criado protestou: «Como posso dar isto a cem pessoas?», Eliseu insistiu: «Dá-os». Ele serviu-os. Comeram e ainda sobrou.

Não é esta a verdadeira história da vida espiritual? Podemos ser servos pequenos, insignificantes aos olhos do mundo, movido apenas por critérios de eficácia, poder, sucesso. Mas quando nos damos conta de que Deus nos

escolheu desde toda a eternidade, que nos enviou ao mundo como abençoados, que nos escolheu para o sofrimento, não podemos também confiar em que as nossas pequenas vidas se multiplicarão e serão capazes de saciar as necessidades de inumeráveis pessoas? Isto pode soar a pomposidade e a orgulho. Mas a confiança na capacidade pessoal de dar fruto nasce de um espírito humilde. Como o espírito simples de Ana que exclamou, agradecida pela nova vida nascida nela: «O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Ele olhou para a humildade da sua serva e fez em mim grandes coisas. E desde agora me chamarão bem-aventurada todas as gerações». Os frutos da nossa pequena vida, uma vez que a reconheçamos e a vivamos como vida do amado, vão muito para além do que possamos imaginar. Um dos maiores atos de fé é acreditar que os poucos anos que vivemos nesta terra são como a pequena semente lançada em solo muito fértil. Mas, para que esta semente dê fruto, tem de morrer.

Muitas vezes sentimos e vemos apenas o facto de morrer, mas a colheita será abundante, ainda que não sejamos nós a recolhê-la. Que diferente poderia ser a nossa vida se confiássemos verdadeiramente que ela se multiplicará quando a entregarmos! Que distinta seria se fôssemos capazes de acreditar que cada pequeno ato de fé, cada gesto de amor, cada palavra de perdão, cada pequena demonstração de alegria e de paz se multiplicará. E multiplicar-se-á enquanto houver quem os receba. E tudo isso não será mais do que as sobras!

Imagina-te profundamente convencido de que o teu amor por Robin, a tua bondade para com os teus amigos e a tua generosidade para com os pobres são as pequenas sementes de mostarda que se transformarão em grandes árvores onde muitas aves virão fazer ninho. Imagina que, no mais profundo do teu coração, confias que os teus sorrisos e apertos de mão, os teus abraços e beijos são apenas os sinais terrenos de uma comunidade universal de amor e de paz. Imagina que acreditas que todos os pequenos gestos de amor que fazes se expandirão em círculos sempre novos e mais amplos, com um efeito semelhante ao de uma pequena pedra lançada a um lago tranquilo. Podes estar deprimido, zangado, ressentido ou a pensar em vingança? Podes alguma vez odiar, destruir ou matar? Podes alguma vez desesperar quanto ao sentido da tua curta existência?

Nós os dois saltaríamos de alegria se soubéssemos de verdade que nós, pessoas sem importância, fomos escolhidos, abençoados e feridos para nos tornarmos pão que se multiplicará em dom inesgotável. Nem tu nem eu já temeríamos a morte, mas encará-la-íamos como a culminação do nosso desejo de ser dom para os outros. O facto de estarmos ainda tão longe deste estado de espírito e de coração mostra apenas que somos meros iniciados na vida espiritual, e que ainda não alcançámos totalmente a plenitude da verdade da nossa chamada. Mas agradeçamos cada pequeno vislumbre da verdade e confiemos em que sempre haverá algo mais a ver, sempre.

Dentro de alguns anos, os dois estaremos enterrados ou cremados. Provavelmente, as casas em que agora vivemos continuarão de pé, mas será outro a viver nelas. E, na maioria dos casos, saberá bem pouco sobre nós. Mas acredito, e espero que tu também, que a nossa passagem por este mundo, breve e facilmente esquecida, continuará a dar vida às pessoas através de todos os tempos e lugares. O espírito de amor, uma vez livre dos nossos corpos mortais, voará para onde quiser, mesmo que sejam poucos os que escutem o seu ir e vir.

VIVER COMO O AMADO

Como escolhidos, abençoados, feridos e entregues, somos chamados a viver as nossas vidas com uma alegria e uma paz interiores profundas. É a vida do amado, vivida num mundo que está constantemente a tentar convencer-nos de que nos cabe a nós provar que somos dignos de ser amados.

Mas a moeda de tudo o que dissemos tem também outra face. Que fazemos com o nosso desejo de fazer carreira, a nossa esperança de sucesso e fama, e o nosso sonho de deixar um nome? Opor-se-ão estas aspirações à nossa vida espiritual?

Algumas pessoas poderão responder afirmativamente a esta última pergunta e aconselhar-te a abandonar o louco frenesim da grande cidade e procurar um lugar onde possas perseguir a plenitude da vida espiritual sem qualquer obstáculo. Mas penso que esse não é o teu caminho. Não creio que o teu lugar esteja num mosteiro, numa comunidade como A Arca, ou na solidão do campo. Eu diria até que a cidade, com os seus desafios, não é um lugar tão mau para ti e para os teus amigos. Nela há um estímulo constante, realidades apaixonantes, movimento e uma infinidade de coisas para ver, ouvir, saborear e desfrutar. O mundo tem muito para te oferecer —tal como o Egito para os filhos de Israel—, desde que não te sintas seu escravo.

A grande luta com que te deparas não é a de deixar o mundo, rejeitar as tuas ambições e aspirações, ou desprezar o dinheiro, o prestígio ou o sucesso, mas sim a de alcançar a tua autenticidade espiritual e viver no mundo como alguém que não lhe pertence. É entusiasmante vencer uma competição, encontrar pessoas influentes, é inspirador ouvir um concerto no Lincoln Center, ver um filme ou visitar uma nova exposição no Metropolitan. E que mal há em fazer novos amigos, num bom jantar, num bom fato?

Acredito profundamente que todas as coisas boas que o nosso mundo nos oferece estão à tua disposição para que delas gozes. Mas só as poderás desfrutar verdadeiramente se fores capaz de as reconhecer como afirmações

da verdade de que és o amado de Deus. Esta verdade tornar-te-á livre para receber a beleza da natureza e da cultura com gratidão, como sinal da tua condição de amado. Esta verdade permitir-te-á gozar dos dons que recebes da tua sociedade e celebrar a tua vida. Mas esta verdade também te permitirá afastar-te daquilo que te distraia, te confunda ou ponha em perigo a vida do Espírito dentro de ti.

Pensa em ti mesmo como alguém que foi enviado a este mundo, uma forma de te veres a ti próprio que é possível se acreditar verdadeiramente que foste amado antes de o mundo começar, uma visão de ti que te chama ao grande salto em frente na fé. Enquanto viveres neste mundo, cedendo às suas enormes pressões para provares a ti mesmo e aos outros que és alguém, sabendo, além disso, de antemão, que perderás no fim, dificilmente a tua vida poderá ser mais do que uma longa luta pela sobrevivência. Mas se realmente quiseres viver no mundo, não podes vê-lo como a fonte dessa vida. O mundo e as suas estratégias podem ajudar-te a sobreviver durante muito tempo, mas não podem ajudar-te a viver, porque o mundo não é fonte nem sequer da sua própria vida, e muito menos da tua.

Espiritualmente não pertences ao mundo. E é precisamente por isso que foste enviado ao mundo. A tua família e os teus amigos, os teus colegas de trabalho, os teus concorrentes, todas as pessoas que possas encontrar no teu caminho pela vida, todos estão à procura de algo mais do que a sobrevivência. A tua presença entre eles como alguém que foi enviado permitir-lhes-á captar um vislumbre da vida verdadeira.

Tudo muda radicalmente a partir do momento em que te reconheces a ti mesmo como enviado a este mundo. Tempos e espaços, pessoas e acontecimentos, arte e literatura, história e ciência, tudo deixa de ser opaco e torna-se transparente, apontando para algo que está para além do seu próprio ser, para o lugar de onde vens e para o qual voltarás. É-me muito difícil explicar-te esta mudança radical, porque é uma mudança que não pode ser descrita em termos comuns. Também não pode ser ensinada ou praticada como uma nova matéria de autoconhecimento. A mudança de que te falo é a de passar de viver a vida como uma prova penosa de que mereces ser amado, para vivê-la como um incessante sim à verdade de que és amado. Numa palavra, a vida é uma oportunidade dada por Deus para nos

tornarmos aquilo que somos, para nos afirmarmos na nossa verdadeira natureza espiritual, para alcançarmos a nossa verdade, para assumirmos e integrarmos a realidade do nosso ser. Mas, sobretudo, para dizer sim Àquele que nos chama o amado.

O mistério insondável de Deus é que Ele é o amor que quer ser amado. Àquele que nos criou está à espera da nossa resposta ao amor que nos deu o ser. Deus não só diz: «Tu és o meu amado». Também nos pergunta: «Amas-me?». E oferece-nos infinitas oportunidades de lhe responder que sim. Isto é a vida espiritual: a possibilidade de dizer sim à nossa verdade interior. A vida espiritual assim entendida muda radicalmente tudo. Nascer e crescer, deixar o lar e fazer carreira, ser elogiado e rejeitado, caminhar e descansar, rezar e brincar, adoecer e sarar —até viver e morrer—, tornam-se expressões desta pergunta divina: «Amas-me?». E em cada encruzilhada do nosso caminho existe a possibilidade de dizer sim ou não.

Uma vez que sejas capaz de captar esta visão espiritual, verás como tantas questões que parecem ter-se tornado centrais na nossa vida quotidiana perdem o seu sentido. Quando a alegria e a dor são duas oportunidades de dizer sim à nossa filiação divina, então têm muito mais semelhanças do que diferenças. Quando tanto a experiência de esperar um prémio, como a de falhar no momento em que confiávamos ser considerados os melhores, nos oferecem a oportunidade de alcançar a nossa verdadeira identidade de amados de Deus, há entre elas mais semelhanças do que diferenças. Quando nos sentimos sozinhos ou em casa, e ambos os factos significam um chamamento a descobrir mais plenamente quem é Deus e quem somos nós como seus filhos, estes sentimentos estão mais unidos do que separados. Quando, finalmente, as duas realidades da vida e da morte nos levam a estar mais próximos da realização plena da nossa espiritualidade pessoal, não são os grandes opostos que o mundo nos apresenta. São, pelo contrário, as duas faces do mesmo mistério do amor de Deus. Viver a vida espiritual significa viver a vida como uma realidade unificada. As forças das trevas são forças que separam, dividem e põem em confronto. As forças da luz unem. Literalmente, a palavra «diabólico» significa «aquele que divide». O demónio divide. O Espírito une.

A vida espiritual tende a eliminar as inúmeras divisões que saturam a nossa vida quotidiana e são causa de destruição e de violência. Estas divisões são tanto interiores como exteriores. Divisões entre as nossas emoções mais íntimas e divisões entre os grupos mais normais da nossa sociedade. A divisão entre a alegria e a tristeza dentro de mim, ou a divisão entre raças, religiões e culturas ao meu redor, todas elas se alimentam das forças diabólicas da escuridão. O Espírito de Deus, Aquele que nos chama de amados, é o Espírito que une e nos torna um todo. Não há maneira mais clara de reconhecer a presença do Espírito de Deus do que identificar os momentos de unificação, de cura, de restauração e de reconciliação. Onde o Espírito age, as divisões desaparecem e manifestam-se a unidade interior e exterior.

Quando a totalidade da nossa vida quotidiana é vivida «de cima», isto é, como uma vida de amado enviado ao mundo, então aqueles que encontrarmos e aquilo que nos acontecer convertem-se numa oportunidade única de optar por uma vida que não pode ser vencida pela morte. Assim, tanto o gozo como o sofrimento tornam-se parte do caminho da nossa plenitude espiritual. Encontrei esta visão expressa de modo comovente pelo romancista Julien Green numa carta ao seu amigo, o filósofo francês Jacques Maritain. Diz-lhe o seguinte: «... quando pensas na experiência mística de muitos santos, podes perguntar-te se o gozo e o sofrimento não serão aspetos do mesmo fenómeno a um nível muito elevado. Uma analogia, seguramente um pouco absurda, vem-me à mente: o frio extremo queima. Parece quase certo. Não, é certo que só podemos ir a Deus através do sofrimento, e que este sofrimento se converte em gozo porque afinal os dois são a mesma coisa». (*Julien Green-Jacques Maritain, Une grande amitié: Correspondance 1926-1972*, Paris: Gallimard, 1982, p. 282).

O que vamos conseguir depois da nossa vida aqui, neste mundo? Voltar ao lugar de onde viemos, ao lugar de Deus. Fomos enviados a este mundo por um curto tempo para dizer —através das alegrias e tristezas do tempo do nosso relógio temporal— o grande sim ao amor que nos foi dado e, ao fazê-lo, voltar ao Uno que nos enviou com esse sim gravado nos nossos corações. Assim, a nossa morte torna-se num momento de regresso. Mas a nossa morte só pode vir a ser isso se toda a nossa vida tiver sido um caminho de volta ao Uno de onde viemos e que nos chama os amados. Há

tanta confusão sobre a ideia da vida depois da morte, sobre a vida eterna! Pessoalmente, penso profundamente na vida eterna. Mas não simplesmente como uma vida após a nossa morte física. Só quando reclamamos para nós a vida do Espírito de Deus em muitos momentos da nossa vida cronológica, só então podemos esperar que a morte seja a porta para uma plenitude de vida. A vida eterna não é uma grande surpresa que aparece sem aviso no final da nossa existência no tempo. É, antes, a plena revelação do que fomos e do que vivemos ao longo desta vida. O evangelista João exprime isto de forma sucinta quando diz: «Amados, o que havemos de ser ainda não se manifestou; mas sabemos que, quando se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como Ele é».

Com esta visão, a morte já não é a última derrota. Pelo contrário, torna-se no sim final e no grande regresso ao lugar onde nos tornamos mais plenamente filhos de Deus. Penso que não há muitas pessoas que encarem a morte desta maneira. Em vez de a verem como um momento de plenitude, temem-na como uma grande derrota que deve ser evitada o mais tempo possível. Tudo o que a nossa sociedade nos diz sugere que a morte é o grande inimigo que, no fim, nos vai roubar o melhor contra a nossa vontade e desejo. A minha visão pessoal, e espero que também a tua, são radicalmente diferentes. Embora muitas vezes caia nos medos e preocupações do mundo que me rodeia, continuo a acreditar profundamente que os nossos poucos anos nesta terra fazem parte de um acontecimento mais importante, que se prolonga muito para além dos limites do nosso nascimento ou da nossa morte. Penso nisso como numa missão no tempo, alegre e excitante, sobretudo porque o Uno que me enviou nessa missão está à espera do meu regresso a casa, para que Lhe conte o que aprendi.

Tenho medo de morrer? Sou continuamente seduzido pelo ruído das vozes do meu mundo que me dizem que a minha pequena vida é tudo o que tenho e me aconselham a agarrar-me a ela com toda a alma. Mas quando consigo pôr estas vozes diante da realidade última e profunda da minha vida, e ouço aí a voz suave que me chama de amado, sei que não tenho nada a temer e que morrer é o grande ato de amor, o ato que me leva ao abraço eterno do meu Deus, cujo amor durará para sempre.

Aprofundamento de uma amizade

Depois de ter terminado *Tu és o meu amado*, enviei-o a Fred, perguntando-me ansiosamente se teria sido capaz de responder ao seu pedido: «Diz algo acerca do Espírito, algo que eu e os meus amigos leigos sejamos capazes de ouvir». Tentei falar do meu coração ao dele, da minha experiência pessoal mais íntima à sua, do meu ser ao seu. Tinha verdadeira curiosidade em saber se tinha acertado.

Pouco depois de receber o meu texto, Fred telefonou-me e ofereceu-se para vir a Toronto passar alguns dias na comunidade e falar sobre a obra. Quando chegou, apercebemo-nos de que a década passada nos tinha aproximado imenso um do outro. Havia um abismo neste sentido entre o nosso primeiro encontro e o atual. Eu tinha encontrado um verdadeiro lar em A Arca, e Fred estava feliz no seu casamento, à espera do primeiro filho e satisfeito com o seu trabalho. Já tinha publicado dois livros para jovens — um sobre a Guerra do Golfo e outro sobre a perda de um pai — e preparava outro, no qual líderes e especialistas de áreas tão diversas como a política, as artes, a literatura e o desporto recomendavam os melhores livros. Até dedicava as primeiras horas da manhã a escrever um romance! O sonho de ser escritor tinha-se tornado, de facto, numa realidade, ainda que de forma diferente da que ele imaginara.

Ambos crescemos muito. Tornámo-nos menos inseguros e mais enraizados. Mas também mais conscientes da distância que ainda nos separava. Nas longas conversas sobre o texto deste livro, tornou-se cada vez mais claro que, embora Fred tivesse muitas coisas boas a dizer-me sobre as minhas palavras, no fundo eu não tinha conseguido dizer-lhe o que esperava. Ele tinha mostrado o manuscrito a dois amigos, e nenhum deles se sentira particularmente tocado. À medida que falávamos, convenceu-me de que este livro não era assim tão diferente dos anteriores, como eu pensava. A Fred tinha-lhe agradado desde o início, mas não como algo que lhe fosse útil para as suas necessidades. Achava que estava escrito para um convertido, não para leigos. Para ele, o meu livro não se distinguia muito de tantos outros.

Desiludi-me perceber que o vazio espiritual entre nós era maior do que pensava. Confiei muito que, depois de tantos anos de amizade, seria capaz de encontrar palavras que prenchessem esse vazio, que falassem a Fred e aos seus amigos de modo a despertar neles um verdadeiro desejo de desenvolver uma vida no Espírito.

Fred foi delicado na crítica, muito atento à minha sensibilidade, mas também muito claro: «Embora seja evidente que procuras escrever para mim e para os meus amigos a partir do teu interior, e que tentas explicar o que para ti é o mais valioso, não percebes até que ponto estamos afastados do teu enquadramento espiritual. Falas a partir de uma cultura e de uma tradição que nos são estranhas, e as tuas palavras baseiam-se em pressupostos que não partilhamos. Não te dás conta até que ponto estamos secularizados. Há muitas perguntas fundamentais a responder antes de podermos estar abertos ao que dizes sobre a vida do amado».

Não foi fácil ouvir esta crítica, mas quis acolhê-la sem defensiva, para discernir até que ponto me dizia respeito. A minha intenção tinha sido ser uma «testemunha do amor de Deus» no meio de um mundo secularizado. Mas as minhas palavras pareciam mostrar que me tinha entusiasmado demasiado com a arte de pescar e me tinha esquecido de que os meus leitores nunca tinham visto um lago, nem o mar, quanto mais um barco.

Fred tentou explicar melhor: «Muito antes de falar sobre o facto de ser amado e de nos tornarmos amados, tens de responder a perguntas absolutamente fundamentais, como: Quem é Deus? Quem sou eu? Porque estou aqui? Como posso dar sentido à minha vida? Como posso chegar à fé? Enquanto não nos ajudares a responder a estas perguntas, as tuas belas reflexões sobre ser e tornar-se amado, para nós, são como um sonho».

Fred disse-me muitas outras coisas, mas a sua indicação principal foi que eu não tinha realmente entrado no seu mundo secular. Sendo honesto comigo próprio, pelas minhas experiências com sobrinhos e amigos na Holanda, com empresários no Canadá e nos Estados Unidos, e com tantos que me escrevem dos quatro cantos do mundo, tenho de confessar que a crítica de Fred seria partilhada por muitos. O problema já não é como expressar o mistério de Deus a quem não está habituado à linguagem tradicional da Igreja ou da Sinagoga. O problema é saber se há algo no

nosso mundo que ainda possa ser chamado de sagrado. Haverá, entre as nossas atividades, as pessoas que conhecemos, os acontecimentos que lemos nos jornais ou vemos na televisão, algo ou alguém que transcenda a superfície e revele uma dimensão sagrada, santa, digna de culto e adoração?

Fred queria dizer precisamente isto quando falava do desaparecimento do sagrado do nosso mundo, do empobrecimento da imaginação humana e do sentido de vazio e perda de tantas pessoas. Mas como e onde redescobrir o sagrado e dar-lhe o lugar central nas nossas vidas? Sei agora, com clareza, que neste livro não respondi à sua pergunta. Poderia tê-lo feito? Deveria tê-lo feito?

Fred e eu passámos alguns dias em Daybreak. Ao visitarmos as diferentes casas onde diminuídos psíquicos e assistentes sociais partilhavam a vida, percebi cada vez mais que só posso falar e escrever a partir de experiências ancoradas no meu quotidiano. E estas estão absolutamente embebidas da presença de Deus. Conseguiria eu separar-me dessa realidade centrada em Deus e responder aos que dizem: «Precisamos realmente de Deus para sermos felizes, para desfrutar da vida, para preencher os nossos desejos mais íntimos? Precisamos de fé para levar uma vida criativa e decente?».

Sinto em mim uma resistência profunda em querer demonstrar algo a alguém. Não quero dizer: «Vou provar-te que precisas de Deus para teres uma vida plena». Apenas digo: «Para mim, Deus é Aquele que me chama de amado, e desejo expressar aos outros como tento tornar-me mais plenamente aquilo que já sou». Para além disto, sinto-me pobre e com pouca força.

Mas a resposta de Fred não deixou de ser um grande desafio: o de aprofundar a minha solidariedade com o mundo secular. Embora viva numa comunidade cristã, e sinta a responsabilidade de proteger e cultivar o sagrado na vida comum, estou rodeado, dentro e fora dela, pelo mundo secular. E quanto mais procuro orientar a minha vida para o sagrado, mais descubro que também eu sou uma pessoa secularizada. As perguntas de Fred não me são estranhas. De facto, quanto mais entro em diálogo íntimo com o mundo, mais descubro o meu próprio secularismo, e mais me

apercebo de que Fred e os seus amigos não estão tão distantes de mim como eu pensava.

Talvez o maior desafio seja confiar tanto no amor de Deus que não tema entrar plenamente no mundo secular e falar-lhe de fé, esperança e amor. Talvez a distinção entre sagrado e secular se possa esbater até desaparecer, quando ambas as realidades forem reconhecidas como aspectos da experiência de todo o ser humano. Talvez não precise de me tornar defensor da existência de Deus e do sentido religioso da vida para responder às críticas de Fred... Por agora, é o que me ocorre.

Depois da visita a Daybreak, fiquei com a pergunta: o que fazer com este livro? Esquecê-lo, reescrevê-lo, publicá-lo assim? Andei confuso muito tempo.

Então, algo inesperado aconteceu. Depois de o ter enviado a Gordon Cosby e Diana Chambers, da *Servant Leadership School of the Church of the Savior*, em Washington D.C., recebi deles uma resposta entusiasmada. Escreveram-me dizendo que este texto os tinha ajudado mais do que os anteriores e inspirado a oferecer um novo curso sobre *Tu és o meu amado*. Também Bart Gavigan, da South Park Community, em Inglaterra, achou muito bom o texto. Gordon, Diana e Bart instaram-me a não mudar muito, mas a confiar que o que tinha escrito seria frutuoso. «E as indicações do Fred?», perguntei. «Bem», responderam, «pode ser que não tenhas conseguido escrever o que o Fred precisava ouvir. Não consegues aceitar o fracasso?».

Via-me diante da ironia que todo escritor enfrenta um dia. Esforcei-me tanto por escrever algo para os leigos. Mas não foram eles os maiores beneficiários, e sim os que, em Washington e Londres, estavam a preparar líderes cristãos. Porém, percebi logo que, sem o Fred, nunca teria encontrado as palavras que tanto estavam a ajudar os crentes. Para mim, há mais do que ironia em tudo isto. É o mistério de Deus a servir-se dos seus amigos leigos para formar os seus discípulos.

Foi esta constatação que finalmente me fez decidir não escrever outro livro, mas confiar que devia publicar o que já tinha escrito. O que alguém

possa achar em falta aqui, talvez um dia encontre a sua verdadeira expressão.

ÍNDICE

Agradecimentos

Prólogo: O início de uma amizade

«Tu és o meu amado»

Como tornar-se o amado

I. Escolhidos

II. Abençoados

III. Feridos

IV. Entregues

Viver como o amado

Epílogo: Aprofundamento de uma amizade

